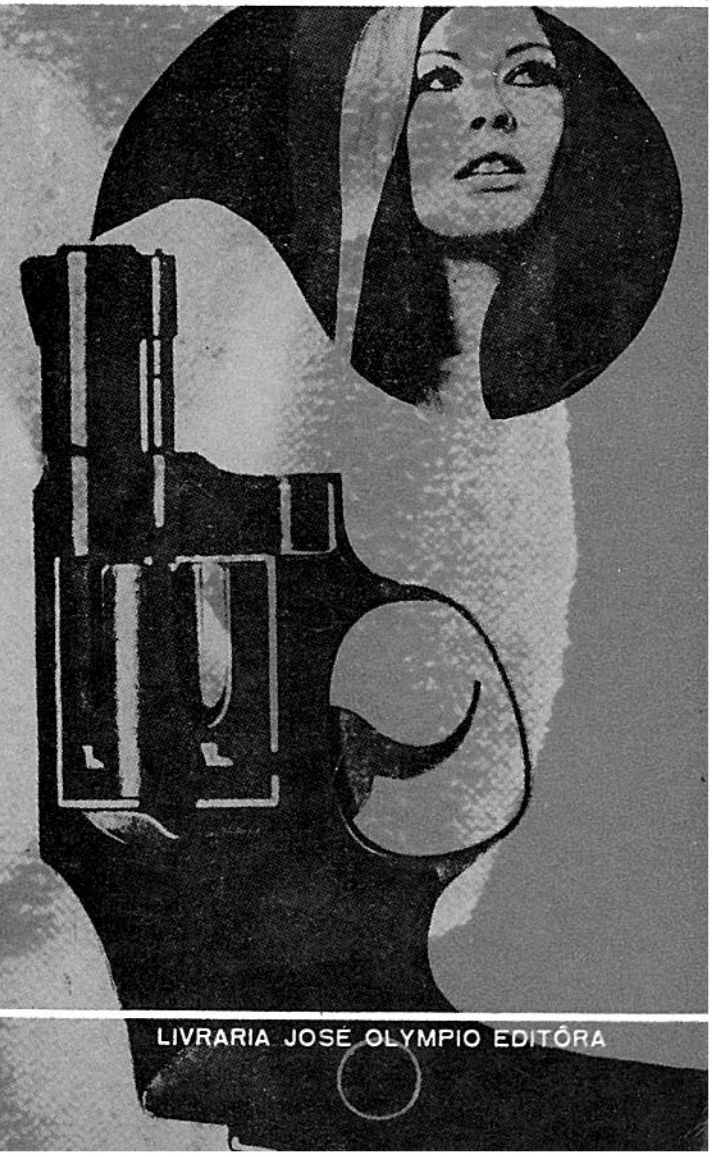
COLEÇÃO CADEIRA DE BALANÇO

SUSPENSE
AMOR
MISTÉRIO
AVENTURA
ESPIONAGEM
— A COLEÇÃO
*PARA SEU FIM-DE-SEMANA*

**John Ball**

# O ASSASSINO NUDISTA



**O NÔVO ROMANCE DO AUTOR DE "NO CALOR DA NOITE"**

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITÔRA

O ASSASSINO NUDISTA — JOHN BALL — 5

**ÊSTE NÔVO ROMANCE DO AUTOR DE**

NO CALOR DA NOITE

—livro que abteve em Londres o

**PRÊMIO DA CRIME WRITERS ASSOCIATION'S**

como o
melhor romance
de literatura policial—

conta nova história de Virgil Tibbs, membro da fôrça policial de Pasadena, que apareceu pela primeira vez em **No Calor da Noite,**

o detetive que está empolgando os leitores do mundo inteiro. Diz o **New York Times Book Review:**

"Virgil Tibbs é um indivíduo realmente extraordinário, que pode perfeitamente vir a incluir-se na categoria dos grandes detetives!"

O
ASSASSINO
NUDISTA

COLEÇÃO CADEIRA DE BALANÇO

UMA COLEÇÃO NOVA—*NOVA, SIM*: EM TUDO:

NA QUALIDADE, NA APRESENTAÇÃO,
NA CRITERIOSA ESCOLHA DOS LIVROS —
UMA COLEÇÃO FEITA DE ENCOMENDA PARA O SEU
*FIM-DE-SEMANA*

OS MELHORES ESCRITORES... *ENREDOS SURPREENDENTES... ESMERADA CONFECÇÃO GRÁFICA*... BONS LIVROS PARA UM AGRADÁVEL E ÚTIL PASSATEMPO NO
*BALANÇO DA CADEIRA*

volumes iniciais:

1 — LAURENCE ORIOL — *PLANTÃO FATÍDICO*
Trad. de *Gulnara Lobato de Morais Pereira*

2 — ALAIN PUJOL — *DICIONÁRIO DO ESPIÃO MODERNO*
Trad. de *Fernando de Castro Ferro*

3 — VLADIMIR NABOKOV — *O ÔLHO VIGILANTE*
Trad. de *Heitor P. Fróes*

4 — JOHN BALL — *NO CALOR DA NOITE*
Trad. de *Leônidas Gontijo de Carvalho*

5 — MURRAY T. BLOOM — *O HOMEM QUE ROUBOU PORTUGAL*
Trad. de *Heitor P. Fróes*

6 — GAVIN LYALL — *ALARME NO CARIBE*
Trad. de *Leônidas Gontijo de Carvalho*

7 — GAVIN LYALL — *UM MINUTO DEPOIS DA MEIA-NOITE*
Trad. de *Leônidas Gontijo de Carvalho*

8 — AGATHA CHRISTIE — *OS RELÓGIOS*
Trad. de *Carmen Annes-Dias Prudente*

9 — DOMINIC TORR — *COBERTURA DIPLOMÁTICA*
Trad. de *Leônidas Gontijo de Carvalho*

10 — JOHN BALL — *O ASSASSINO NUDISTA*
Trad. de *Fernando de Castro Ferro*

11 — ROSS MACDONALD — *MOEDA NEGRA*
Trad. de *Heitor Ferreira*

12 — CURT SIODMAK — *O CÉREBRO ASSASSINO*
Trad. de *Gilberto Vilar de Carvalho*

13 — JOHN CARRICK — *A CILADA*
Trad. de *Leônidas Gontijo de Carvalho*

LJE

JOHN BALL

# O Assassino Nudista

COLEÇÃO CADEIRA DE BALANÇO

VOLUME 10

LIVRARIA
JOSÉ OLYMPIO
EDITÔRA
rio de janeiro

Mario Sergio Bigarani
02-07-1993

O Assassino Nudista


- Título do original em inglês
  *The Cool Cottontail*
  Harper & Row, Publishers, New York
  *Copyright by* John Ball, 1966

- Tradução
  de
  *Fernando de Castro Ferro*

- Capa
  de
  *Gian*



- Direitos reservados para o Brasil:
  *Copyright* da Livraria José Olympio Editôra S. A.,
  Rio de Janeiro, República Federativa do Brasil.
  Êste livro não pode ser vendido em Portugal
  e suas Províncias.


- Do mesmo autor:
  *No Calor da Noite*


GUANABARA: Rua Marquês de Olinda, 12 — RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO: Rua dos Gusmões, 100 — SÃO PAULO
MINAS GERAIS: Rua São Paulo, 684 — BELO HORIZONTE
PERNAMBUCO: Rua Gervásio Pires, 218 — RECIFE
RIO GRANDE DO SUL: Rua dos Andradas, 717 — PÔRTO ALEGRE


# agradecimento


*O autor gostaria de manifestar o seu sincero aprêço à Sr.ª Rose Holroyd, diretora-executiva, e ao Sr. Paul Arnold, diretor de Relações Públicas, da Associação Americana de Nudismo (American Sunbathing Association), pelo valioso auxílio que lhe prestaram na preparação dêste romance. O autor agradece também ao Sr. Carl Apgar, presidente da Associação Ocidental de Nudismo (Western Sunbathing Association), e às gerências de Oakdale Ranch, São Bernardino; Olive Dell Ranch, Colton; Glen Eden Sun Club e Swallows Club, El Cajon, Califórnia.*

*Agradece ainda, reconhecidamente, à Federação Americana de Karatê e em especial ao mestre Hidetaka Nishiyama, pelos seus conselhos e assistência.*

*Finalmente, êste livro não teria sido possível sem a generosa cooperação dos oficiais e executivos do Departamento de Polícia de Pasadena, Califórnia, que jamais lhe negaram seu precioso tempo para prestarem esclarecimentos e para dar o seu valioso auxílio.*

*John Ball*

*Encino, Califórnia*
*1966*

# O ASSASSINO NUDISTA

# PRÓLOGO

ENQUANTO O CARRO rolava suave e monòtonamente através da noite, o homem instalado no assento traseiro encontrava cada vez mais dificuldade em manter os olhos abertos. Já estava sentado dentro daquele automóvel havia algum tempo e, antes disso, tivera um dia bem mais longo e cansativo do que lhe era habitual. Por fim, esgotado, abandonara-se ao luxo de não se preocupar mais com o que o rodeava; permitira, em resumo, que as muitas coisas que tinha na mente se juntassem, e sobrepusessem umas sôbre as outras, enquanto repousava a cabeça, encostado para trás. Em seguida, apesar de uma certa irregularidade no piso da estrada, ficou imóvel, fechou os olhos e começou a dormitar.

O motorista observara-o muito atentamente durante os últimos minutos. O espelho retrovisor permitia-lhe fazê-lo com a maior das facilidades; bastara-lhe mudar ligeiramente a posição do espelho e fizera-o sem que o passageiro o notasse. Pouco depois, talvez alguns segundos mais tarde, tornou-se perfeitamente óbvio que o exausto homem não estava apenas dormitando. Tinha a bôca aberta e emitia um ruído assaz sonoro de cada vez que enchia e esvaziava o peito de ar.

O motorista manteve a mesma velocidade durante mais vinte minutos e, depois, saiu lentamente da estrada, descrevendo uma larga curva para que o movimento da manobra não despertasse o passageiro.

Já numa estrada secundária, o motorista abrandou ainda mais a marcha do carro, de forma a que qualquer pessoa que o visse passar não o notasse especialmente. Quase não havia outro tráfego. O carro passou por duas estradas que subiam para as altas e desertas montanhas que cercavam a região, mas o motorista continuou em frente até que os faróis revelaram uma placa de sinalização. Então, as luzes dos freios acenderam.

O automóvel deteve-se silenciosamente à beira da estrada, ficando numa posição em que o motorista podia avistar as luzes, a uma distância considerável, de qualquer veículo que viesse de qualquer das direções. O homem adormecido, agora totalmente abandonado

aos sonhos, nem sequer se moveu quando os faróis se apagaram e o motorista abriu lentamente a porta traseira do carro.

Durante alguns segundos, sem manifestar a menor emoção, o motorista contemplou o rosto do passageiro. Em seguida, olhou ràpidamente à sua volta para ver se havia algum outro carro na estrada; a noite descera completamente e tudo, na vizinhança, era escuridão e silêncio. O local fôra bem escolhido e não poderia haver momento melhor. O motorista respirou fundo e, no mesmo instante, desfechou um violento e eficaz golpe no homem.

O infeliz passageiro escorregou um pouco mais no assento e soltou um suspiro, o qual, por um momento, interrompeu a serenidade da noite. Não sentira qualquer dor e não tivera sequer conhecimento de que seu sono fôra perturbado. Na realidade, ao receber o segundo golpe, ignorou-o totalmente. Seu peito deixara de se mover. O terceiro e ainda mais potente golpe quebrou-lhe dois ossos do corpo, mas o homem já estava inconsciente. Sua morte ocorrera durante os poucos segundos que se seguiram a essa terceira pancada.

Quando o último golpe, o mais duro de todos, foi desfechado sôbre o passageiro, seu corpo recebeu-o, mas seu espírito já não estava presente para o acusar. O motorista sabia que sua vítima já morrera, mas seu longo e cuidadoso treino impedira-o de deixar qualquer possibilidade ao acaso. Assegurar o seu objetivo com mais uma pancada desnecessária não o poderia prejudicar; não o fazer, só o poderia conduzir ao tribunal e à pena de morte.

A estrada, do lado sul, era ornada por densos arbustos e, entre êstes, havia uma pequena abertura e uma vereda que conduzia para o interior do mato. O motorista, depois de observar de nôvo ambas as direções da estrada e de verificar que não havia luzes de automóveis no horizonte, aproximou-se dessa pequena vereda para se certificar de que não havia pessoa alguma escondida por ali. Não encontrou vivalma. Olhando atentamente para o mato, o assassino apenas viu a reconfortante escuridão e, muito vagamente, o brilho de água de um riacho.

Um cadáver novinho em fôlha, especialmente de um sólido e corpulento homem, é uma posse incrìvelmente incômoda e perigosa. O motorista estava plenamente consciente disso, mas já sabia exatamente o que teria de fazer.

O morto não sentiu qualquer indignação quando as mãos do seu carrasco começaram a desabotoar e a puxá-lo pelas roupas, quando os dedos entraram-lhe pela bôca e lhe arrancaram das gengivas a dentadura postiça, a qual encontrou abrigo no bôlso do paletó. Durante um momento, o homem que fizera tudo aquilo pensou sèriamente em cortar as pontas dos dedos do cadáver para



destruir qualquer possibilidade de que as impressões digitais viessem a ser identificadas. Todavia, logo depois, decidiu que isso não seria necessário e abandonou a idéia.

Só a noite observou o assassino enrolar as roupas e os objetos do homem num pequeno embrulho e, depois, procurar cuidadosamente no chão para se assegurar de que nada, que mais tarde o pudesse identificar, lhe caíra dos bolsos. Satisfeito com o trabalho que realizara e certo de que o completara eficazmente, o motorista colocou o embrulho no assento dianteiro do carro e, em seguida, voltou para junto dos arbustos para fazer algo mais de essencial.

Passaram-se alguns minutos e o carro pôs-se de nôvo em movimento. O motorista voltou a entrar na estrada. Esta ainda estava deserta, sem evidência de qualquer tráfego. Todavia, a imperiosa necessidade de evitar quaisquer riscos mantinha-se igual. Só depois do carro se encontrar a meio da estrada, já distante daquele recanto, é que o motorista voltou a acender os faróis, sòmente os faróis baixos. O carro partiu na mesma direção de onde viera, a uma velocidade moderada, de maneira a não chamar a atenção de quem o visse passar. Pouco depois, as luzes vermelhas traseiras desapareceram numa curva da estrada e a paz da noite reinou de nôvo sôbre o local.

# Capítulo Primeiro

FORREST NUNN despertou antes que os ponteiros do despertador elétrico alcançassem um quarto para as oito. Apertou o botão que silenciaria a campainha do despertador e permitiu-se o luxo de mais um ou dois minutos na sua confortável cama. Depois, sentindo-se um pouco culpado pelo fato da espôsa ter-se levantado antes dêle, afastou o lençol e saltou da cama. Durante um momento, ainda estremunhado, esfregou as palmas das mãos no rosto e, em seguida, dirigiu-se para o banheiro.

Aos quarenta e seis anos, parecia dez anos mais môço. Seu corpo nu mostrava que êle era magro, bem musculado e muito queimado do sol. Seu tom bronzeado acompanhava todo o corpo, não havendo qualquer diferença de côr abaixo da cintura; o sol queimara-o uniforme e totalmente, exceto na parte de dentro dos braços, onde a côr da pele era visìvelmente mais clara. Forrest Nunn escovou os dentes, barbeou-se e, feito isso, entrou no chuveiro para tomar um banho gelado. Já se esfregava vigorosamente com uma toalha quando se apercebeu do bem-vindo aroma de *bacon* frito, ouvindo ao mesmo tempo os ruídos familiares do desjejum que estava sendo preparado na cozinha.

Passou ràpidamente um pente pelo espêsso cabelo, meteu os pés num par de sandálias de couro já muito usadas e, inteiramente nu, a não ser pelas sandálias, encaminhou-se para a cozinha.

Já ia a meio caminho quando se encontrou com sua filha mais velha. Esta era uma alegre môça de dezoito anos, com aspecto de encontrar-se entre a adolescência e a maturidade, graciosa na opinião de todo o mundo e muito bela na de algumas pessoas. O cabelo, caído em mechas sôbre o rosto, salientava os olhos muito azuis, que eram seu melhor atributo. Seu corpo aproximava-se da perfeição. Tinha ainda uma aparência juvenil, mas com a forma e a simetria de uma maturidade já muito próxima. Estava totalmente despida e a sua jovem cútis, mesmo com a fraca iluminação do corredor, parecia brilhar com tons dourados e bronzeados.

—Bom dia, papai — exclamou ela, sorrindo a seu pai.

—Bom dia, Linda.—Forrest Nunn pousou a mão direita sôbre

o ombro nu da filha e, em seguida, juntos, dirigiram-se para a cozinha.

Tratava-se de uma cozinha enorme nos fundos da casa, contando com vastas janelas em três das suas quatro paredes. O sol da manhã entrava a jorros pelas janelas e alegrava esfuziantemente todos os cantos daquele tão limpo e arrumado interior, no qual Forrest passara tantas horas trabalhando, para convertê-lo exatamente da maneira como sua espôsa o desejara. As muitas janelas proporcionavam um vasto panorama dos jardins, muito bem tratados, com o *play-ground* das crianças à esquerda e o parque principal, cercado por arbustos, à direita. No centro, com árvores em volta e perto da área destinada aos piqueniques, encontravam-se a piscina, os campos de voleibol e de outros desportos, o solário principal e o início das veredas que serpenteavam por entre as colinas na base das montanhas de São Bernardino.

Emily Nunn, que na verdade tinha mais dois anos que o marido, parecia ainda mais jovem do que êle e poderia perfeitamente ser aceita como tendo pouco mais de trinta anos. Seu esbelto e firme corpo não aparentava qualquer indício da meia-idade e, parcialmente escondido pelo avental que estava usando em volta da cintura, não era menos belo do que o de sua filha. Suas feições e o cabelo côr de cinza, mas natural, revelavam bem que ela era de origem sueca.

—Onde está George?—perguntou Forrest logo que entrou na cozinha. Todavia, antes que a espôsa lhe pudesse responder, êle curvou-se e beijou-a na face com grande carinho.

—George saiu há pouco, a caminho da piscina—respondeu Emily. —Queria acabar o trabalho bem cedo para poder ir à cidade antes do almôço. Acho que falou qualquer coisa sôbre as finais do torneio de basebol.

—Hank e o filho de Mary estão jogando no time dos Tigres—acrescentou Linda.—Assim, já temos quatro nudistas no torneio: dois dos nossos rapazes, um de Glen Eden e um de Olive Dell.

No mesmo momento em que ela acabara de falar, ouviu-se um ruído de pés descalços a correr e a pequena Carole, de nove anos de idade, entrou sùbitamente na cozinha.—Eu vou ver o jôgo com George—anunciou ela, sem sequer parar e indo sentar-se à mesa.

—Você escovou os dentes?—perguntou Forrest à filha mais nova.

Carole olhou para êle e fêz uma careta de desapontamento.—Está bem, já vou—retorquiu ela lentamente, levantando-se e encaminhando-se para a porta. Quando a caçula passou por êle, o pai deu-lhe uma palmada e sorriu-lhe.

—Dentes e cabelo escovados, mãos e rosto bem lavados—lembrou êle.—Você nunca, mas nunca, comerá o desjejum até fazer tudo isso.



Com a aparência de uma criança totalmente frustrada, uma expressão que tôda garotinha viva sabe fazer quando quer, Carole atravessou a cozinha e voltou ao banheiro.

Forrest voltou-se para a espôsa.—Tenciono passar na sauna, se as tábuas que encomendei chegarem a tempo. Estou à espera de um casal com três filhos. Devem vir falar comigo às onze horas. Você poderá fazer-me o favor de recebê-los, já que eu estarei ocupado com aquela reparação...

—Acha que eu me devo vestir?—perguntou Linda.

Forrest assentiu.—Creio que é melhor. Têm um filho de dezesseis anos e esta é a primeira visita que nos fazem. Sim, vista qualquer coisa para que o rapaz não fique com dor no pescoço, a procurar você por todos os cantos.

Linda sorriu-lhe.—Já sabe que pode contar comigo. Vamos tratar muito bem essas visitas.

Quando Emily Nunn voltou as costas para o fogão, sôbre o qual estava preparando o desjejum, viu imediatamente seu filho George, que saíra do meio de uns arbustos que se encontravam perto da piscina. No momento em que êle começou a correr em direção a casa, Emily compreendeu que algo se passava de anormal. Não seria necessàriamente qualquer coisa de grave, mas mesmo assim olhou ràpidamente para o marido e deu-lhe a entender o que notara.

Forrest Nunn compreendeu corretamente a mensagem da espôsa, mas não se deixou perturbar. George tinha vinte e quatro anos, mas ainda era bastante infantil e excitava-se por tudo e por nada.

Contudo, quando George entrou na cozinha, Forrest olhou-o e mudou imediatamente de opinião. A expressão do filho era assustadora e seu rosto adquirira de súbito uma maturidade que não lhe era habitual. Um pequeno incidente não o poderia ter afetado daquela maneira. Tratava-se, por certo, de alguma coisa verdadeiramente séria.

O rapaz atravessou a cozinha e falou em voz baixa ao pai.—Queria que viesse comigo um momento até lá fora, papai—disse êle num tom de voz que revelava um certo pânico.

Forrest levantou-se e acompanhou-o até ao terraço. Logo que a porta se fechou atrás dêles, George deteve-se e falou precipitadamente:—Encontrei um homem morto, completamente despido, boiando na piscina. Tirei-o da água agora mesmo, papai.

—Quem é êle?—perguntou Forrest ràpidamente.

—Não faço a menor idéia. É um homem de cêrca de cinqüenta

anos e estava boiando de rosto para baixo. Puxei-o para fora da piscina e pensei em fazer-lhe respiração artificial, mas êle está mesmo morto. Está completamente gelado.

—Volte para junto dêle e tente reanimá-lo. Nunca se sabe, pode ser que ainda esteja vivo. Você sabe perfeitamente o que tem a fazer. Enquanto isso, vou telefonar ao xerife.

George começou a correr em direção à piscina e Forrest voltou para a cozinha. Fêz um sinal à espôsa e dirigiu-se para o telefone. Enquanto não obtinha o número do pôsto da polícia, Forrest respirou fundo e tentou acalmar-se para que sua voz se mantivesse normal.—Aqui fala Forrest Nunn, de Sun Valley Lodge. Meu filho acaba de encontrar um homem morto na piscina, um homem com cêrca de cinqüenta anos. Está despido...

—Devo dizer que isso não me surpreende muito—comentou a voz do outro lado do fio.

—O senhor não me entendeu. Não se trata de um dos membros do nosso clube. Eu ainda não o vi, mas meu filho diz que não sabe quem é êle. George já tentou a respiração artificial, embora esteja certo de que êle está morto.

A voz do outro lado adquiriu um tom mais oficial.—Continue tentando a respiração, até chegarmos aí. Bôca com bôca, se possível. Procure não apagar quaisquer indícios em volta da piscina. Nós iremos para aí o mais depressa possível.

O policial desligou o telefone e Forrest voltou para a cozinha, juntando-se à preocupada espôsa e às duas filhas.—Carole—disse êle—gostaria que você fôsse para seu quarto até eu chamá-la. Você tem sido muito boazinha e não a estou castigando, mas é preciso que me faça êsse favor.

Carole pareceu ficar muito triste, mas obedeceu imediatamente.

Depois da garôta desaparecer, Forrest, muito calmo, contou o que acontecera:—George encontrou um homem, um desconhecido, flutuando na nossa piscina. Acha que o homem está morto, mas apesar disso está-lhe aplicando respiração artificial. Já avisei o xerife. Peço-lhes que se mantenham afastadas de tôda a área da piscina e que impeçam que qualquer um dos outros vá para lá. Linda, vista-se e vá fechar o portão. Não deixe entrar pessoa alguma, nem sequer os membros do clube, até que a gente do xerife chegue e, depois, aceite as instruções de quem estiver encarregado da investigação.

—E êsse nôvo casal que vem visitar o clube?—perguntou Linda ràpidamente.

—Se vierem, entretanto, faça-os entrar pela porta do lado e ofereça-lhes um cafèzinho. Se achar que é preciso, explique-lhes



que aconteceu qualquer coisa de anormal e que mais tarde falarei com êles.

Linda assentiu com a cabeça, indicando que compreendera bem o que o pai lhe dissera, saindo também da cozinha.

Ficando a sós com o marido, Emily perguntou:—Não haverá qualquer outra coisa a fazer?

—De momento, não. Vou para a piscina a fim de ajudar George. Espero que você se encarregue de tudo o que houver a fazer por aqui.

Emily concordou.—Se precisar de mim, bastará gritar...

Forrest vestiu ràpidamente um calção de banho e, pegando outro para o filho, dirigiu-se para a piscina. Emily ficou a observá-lo até êle desaparecer por entre as árvores que cercavam a piscina.

## Capítulo Segundo

O SETOR DA ESTRADA que marginava os terrenos de Sun Valley Lodge estava escondido por uma linha de arbustos e árvores que se seguiam sem interrupção até à entrada principal do clube e, mais adiante, havia uma pequena rua para uso privado dos proprietários. Em frente ao portão, do outro lado da estrada, uma placa indicava:

SUN VALLEY LODGE
FILIADO À A.S.A. E W.A.
VISITAS BEM-VINDAS
(É favor usar o telefone do portão)

Embora a estrada fôsse de importância secundária, apenas de duas pistas, o tráfego, que normalmente era quase insignificante, sempre aumentava consideràvelmente no final do longo verão californiano. A estrada acompanhava as colinas durante alguns quilômetros e, mais longe, continuava para as montanhas e para as estâncias de repouso, lá em cima, juntando-se, então, às grandes estradas que se dirigiam para o Lago do Grande Urso e para as pistas de esqui. Tomando uma das estradas transversais, o motorista experiente poderia alcançar mais ràpidamente El Cajon e economizar muitos dos quilômetros da estrada tradicional que vai de Los Angeles a Las Vegas, atravessando o deserto.

De todos os carros que passavam por aquela estrada relativamente obscura, só alguns se desviavam para entrar pelo portão do

clube. Muitos dos outros motoristas que olhavam para a placa, ao passarem, nem sequer sabiam que as abreviações significavam que o clube era filiado às mais famosas associações de nudismo.

Linda Nunn conhecia perfeitamente todos os recantos do parque, bem como tôdas as veredas e entradas dos terrenos em volta. Vivera ali desde os dez anos de idade e nada escapara à sua curiosidade. Logo que viu seu pai afastar-se em direção à piscina, Linda correu para o quarto, a fim de se vestir, e, enquanto o fazia, procurava descobrir como é que um desconhecido, vivo ou morto, poderia ter entrado na área principal do clube sem ser visto da casa. O atalho que conduzia à piscina estava protegido por um dispositivo, um fio elétrico atravessado no chão que acionava uma campainha, dentro de casa, sempre que um carro chegava; êsse dispositivo de segurança não se fizera ouvir durante a noite anterior.

Linda tirara um vestido do armário e enfiara-o ràpidamente pela cabeça sem sequer pensar em vestir roupa interior. Não tencionava sair do clube e esperava poder tornar a despir-se outra vez, o mais depressa possível, talvez mesmo antes de passada uma hora. Embora seu armário estivesse repleto com tudo o que habitualmente uma môça daquela idade possui, Linda, como os outros membros da família, só se vestia quando era absolutamente necessário. O vestido que escolhera tinha um corte assaz conservador e serviria perfeitamente para a ocasião.

Deteve-se por um momento diante do espelho e ajeitou o cabelo antes de sair do quarto. Atravessou o gramado e dirigiu-se para o portão principal. Chegando ali, ligeiramente ofegante, fechou-o com uma pesada corrente, que existia para qualquer circunstância que pudesse requerer o encerramento temporário do clube. Feito isso, Linda respirou fundo, tentando acalmar-se e imaginar o que iria acontecer.

Oito minutos depois, a môça ouviu o distante som de uma sirene. Não se tratava de um som contínuo, ouvindo-se apenas de vez em quando, por certo quando o veículo da polícia alcançava uma curva e considerava necessária aquela advertência. Linda ouvira muitas vêzes êsse som, à distância, embora aquela região rural fôsse geralmente muito calma. Desta vez, ela sabia-o bem, aquêle time de emergência vinha a caminho de sua casa e isso causou-lhe um sentimento algo estranho e desconfortável.

A sirene aumentou de intensidade e, pouco depois, a môça viu dois carros que se aproximavam a grande velocidade. Um dêles era o carro da patrulha, seguido de perto pela ambulância da polícia. O motorista da frente, conhecendo òbviamente a localização exata do clube, deteve-se sem a menor hesitação diante do portão.



O policial que estava sentado ao volante viu Linda e perguntou-lhe, pela janela:—Existe algum outro caminho que vá dar à piscina?

Linda hesitou por um momento, mas logo respondeu:—Existe, sim, mas não o usamos muito. Encontra-se em muito mau estado.

—Não faz mal. Por onde é a entrada?

—Tem que seguir pela estrada e entrar um pouco mais adiante. Quer que eu lhe mostre o caminho?

—Seria melhor, se não se importa.

Como os dois policiais da patrulha estavam sentados na dianteira do carro, Linda abriu a porta de trás e instalou-se no meio do banco. Inclinando-se para a frente, indicou ao motorista o caminho a seguir, passando por uma antiga fazenda e entrando por uma pequena estrada de piso acidentado e muito irregular. O carro do xerife saltou pesadamente sôbre velhas raízes, pedras sôltas e buracos, durante cêrca de cem metros. Poucos segundos depois, pararam junto a um complicado sistema de filtros, o qual alimentava a vasta e atraente piscina.

Ao tentar abrir a porta do carro, Linda descobriu que não era possível abri-la do interior. O homem sentado ao lado do motorista sorriu e foi abrir-lhe a porta do lado de fora. A môça foi à frente e os três depressa se encontraram em frente da piscina. A límpida superfície da água tinha o tom azul do céu e oferecia um falso sentimento de calma serenidade. George Nunn estava deitado no cimento da plataforma que rodeava a piscina, tendo o rosto encostado ao do desconhecido, um homem corpulento, com o corpo nu banhado pelos raios de sol. George fazia todo o possível para introduzir, com o processo de bôca a bôca, um pouco de ar nos pulmões do homem. Forrest estava ajoelhado ao lado do filho, tentando vislumbrar qualquer indício de vida naquele corpo inerte.

Depois de uma rápida olhadela à cena, o delegado do xerife tocou no ombro de Linda e tentou afastá-la um pouco.—Acho melhor que se retire—aconselhou-a.

—Não é a primeira vez que vejo um morto—respondeu Linda ràpidamente.—E, de resto, ainda nem sabemos se êle está mesmo morto.—A môça olhou para trás e viu outros dois homens que tinham acabado de sair da ambulância que os seguira pelo pequeno atalho.

O policial falou com mais firmeza.—Aquêle homem não está vestido...

Linda olhou-o, surpreendida.—Isso não me preocupa muito—respondeu ela.—E até pode ser que eu saiba quem êle é. Conheço

tado o mundo que vem ao clube e, também, todos os amigos dos nossos associados.

Enquanto falavam, um jovem de muito boa aparência, trazendo na mão a habitual maleta de médico, passara por êles e fôra ajoelhar-se ao lado do desconhecido. Fêz sinal a George para que se afastasse e encostou o ouvido ao peito do homem. Em seguida, levantou-lhe uma das pálpebras e, ainda não satisfeito, escutou cuidadosamente com um estetoscópio que lhe colocara sôbre o peito. Finalmente, sacudiu a cabeça. Levantou-se e, olhando para os outros, anunciou:—Está morto, provàvelmente há muitas horas.

Olhou para George e voltou a falar:—Você fêz exatamente o que era preciso para tentar reanimá-lo. Se tivesse chegado a tempo, é muito possível que o tivesse salvo.—Depois, voltou-se para os outros homens.—Levem a môça para outro lugar.

—É minha filha—disse Forrest, falando em voz baixa.—Já viu outros mortos.

O jovem médico abriu a bôca para falar, lembrou-se de que estava num clube de nudistas, e voltou a fechá-la.

Quase no mesmo instante, o motorista da ambulância trouxe um lençol e cobriu o cadáver.

O delegado do xerife era um homem mais idoso. Corpulento, especialmente em volta da cintura, parecia mais baixo do que na realidade o era. Tinha a aparência de cêrca de cinqüenta anos, mas ao descobrir a cabeça revelara uma cabeleira branca que lhe dera imediatamente o aspecto de ter pelo menos mais cinco anos. Depois de limpar o suor da testa, voltou a cobrir a cabeça, tirou do bôlso uma agenda e perguntou calmamente:—Então, que aconteceu?

Foi George quem lhe respondeu:—Vim para aqui há cêrca de meia hora para limpar a piscina e pôr os filtros a funcionar, o que faço cada dois dias. Quando saí daquelas árvores—disse êle, apontando—vi êste homem boiando na piscina. Estava de costas para cima, com a cara metida na água. Fiquei surpreendido, pois não tinha ouvido nenhum dos nossos associados chegar e, além disso, não é muito habitual haver gente na piscina a esta hora e, sobretudo, às têrças-feiras. Depois de um minuto, ao verificar que o homem não se movia, comecei a desconfiar de que aquilo não era normal. Corri o resto do caminho e mergulhei. Puxei o homem para fora da piscina e deixei-o onde está agora. Tenho quase certeza de que já se encontrava morto. Estava gelado. Então, fui, a correr, chamar papai.

—Se você mergulhou para ir buscá-lo, como é que seu calção não está molhado?—perguntou o policial.

—Não o tinha vestido nesse momento...



—Conhece êste homem?

George sacudiu a cabeça.—Não, e papai também não. Estou certo de que não é um dos membros do clube.

—E eu estou certa de que não é membro de nenhum clube de nudistas—acrescentou Linda, inesperadamente.—Talvez seja uma visita ocasional de um dos clubes do norte, mas não mais do que isso.

Um policial voltou-se para ela e olhou-a com curiosidade.—Parece-me que deve ter uma boa razão para dizer isso—comentou êle.—Gostaria de me dizer qual é essa razão?

—Trata-se de um inibido—indicou Linda.—Não está queimado por igual em todo o corpo, como podem ver. Não é possível que seja um nudista e que, ao mesmo tempo, tenha tôda essa pele tão branca.

O delegado do xerife escreveu algumas palavras na sua agenda e olhou para o médico, o qual estava de nôvo examinando o cadáver.—Que lhe parece?—perguntou êle.

O médico levantou-se e voltou a cobrir o homem com o lençol.—Não creio que êle tenha morrido afogado. É possível que se trate de um acidente, mas o mais provável é que tenha sido assassinado.

O policial assentiu.—Foi isso mesmo que eu pensei. O homem não parece ser daqui. Além disso, se tivesse vindo para um banho noturno sem o consentimento do proprietário, teria um veículo qualquer por aí. Poderia ter vindo a pé, mas se o fêz, então, onde estão as roupas dêle?

Depois de um momento de silêncio, voltou-se para o motorista que o acompanhara.—Entre em contato com a delegacia e conte-lhes o que temos aqui. Pergunte se o nosso amigo Virgil ainda lá está. Se estiver, talvez fôsse boa idéia êle vir até aqui.

O outro policial assentiu e voltou para o carro da patrulha. Em pouco menos de um minuto, estava de volta com a resposta.—Virgil já ia sair, mas foram a tempo de chamá-lo. Manda dizer que passará por aqui no regresso a Pasadena. Disseram-me que vão telefonar ao chefe Addis e pedir-lhe que nos deixe ficar com Virgil se, porventura, precisarmos dêle. Virgil pediu para deixar o cadáver onde está até êle chegar.

—E irá demorar muito tempo?—perguntou Forrest.

—Não me parece—respondeu o delegado.—Êle não conhece esta região tão bem quanto nós, mas deverá estar aqui dentro de meia hora, no máximo.

—Então, venham até minha casa tomar um cafèzinho. Está pronto... temos sempre café para os amigos.

—Alguém terá que ficar com o morto.

O motorista da ambulância, que permanecera em silêncio perto

dos outros, levantou a mão num gesto de resignação e ofereceu-se como voluntário. Forrest foi à frente através das árvores e alguns segundos depois encontravam-se diante da casa. Linda caminhava ao lado do policial encarregado da investigação, cujo uniforme já revelava manchas escuras de suor debaixo dos braços.

—Quem é êsse Virgil?—perguntou ela.

O policial olhou para a môça durante um momento antes de lhe responder.—No caso de Virgil, talvez seja melhor aguardar até o conhecer. Então, você depressa saberá quem é êle.

## Capítulo Terceiro

FORREST NUNN abriu a porta que dava acesso à cozinha, onde a espôsa, que os vira chegar, já estava dispondo as xícaras sôbre a mesa. Conforme era sua característica, contara primeiro os convidados e só depois se preocuparia com o que estava acontecendo.—Façam o favor de se sentar, senhores—convidou ela.—O café já está pronto e daqui a pouco também vou ter uns bolinhos quentes para os senhores.

O delegado do xerife, que tivera consciência imediata de que a Sr.ª Nunn só tinha vestido uma espécie de bata e nada mais, considerou a coisa como mais uma curiosidade com que se deparava no cumprimento do seu dever.—Bill Morrissey, minha senhora—apresentou-se êle. Um pouco embaraçado, passou por ela e ficou de pé junto à mesa. O outro policial, que era mais jovem e se encontrava ainda mais embaraçado, murmurou seu nome e foi juntar-se ao companheiro, olhando para o chão. Estava com o pescoço muito vermelho e mexia os pés com um certo nervosismo.

O médico quase se comportou com grosseria. Apresentou-se e, em seguida, ficou imóvel a um canto da mesa. Emily Nunn compreendeu imediatamente que êle desejara mostrar a sua reprovação e, também ràpidamente, decidiu deixá-lo cozinhar a irritação. Era certo que êle nem tinha ainda trinta anos. Emily notara isso e pensara que êle ainda tinha muito que aprender antes de poder ter grande sucesso na sua profissão.

—Sentem-se, por favor—disse ela, apontando para as cadeiras.—Linda, vá buscar os bolinhos, enquanto eu sirvo o café.

Forrest sentou-se à cabeceira da mesa e fêz sinal a Morrissey para que se sentasse a seu lado. O policial sentou-se lentamente com o ar de um homem que se sabe adaptar a tôdas as circunstâncias. Seu companheiro sentou-se nervosamente e, tentando



ocupar-se com qualquer coisa, examinou cuidadosamente sua xícara ainda vazia, aparentemente para ver se estava limpa. Estava.

Emily serviu o café, começando pelo delegado do xerife. Quando chegou ao lugar vazio do médico, o qual ainda estava de pé a um canto, voltou-se para êle e perguntou-lhe num tom bem disposto:

—Toma o seu com creme, açúcar, ou ambos?

—Prefiro-o prêto—respondeu o médico, falando rìspidamente. Passou-se um momento antes de compreender que caíra na armadilha; ao especificar como queria o café, ficara automàticamente obrigado a sentar-se para bebê-lo. Com uma expressão irritada, sentou-se muito relutantemente. Linda nem sequer lhe perguntou se êle queria um dos bolinhos acabados de fazer; colocou logo um em seu prato.

Quando Emily voltou-se para colocar a cafeteira no outro canto da mesa, Bill Morrissey confirmou uma coisa de que já desconfiara: a bata não a cobria totalmente nas costas. Um tanto nervoso, pegou numa colher e começou a mexer o café.

Forrest cortou um dos bolos a meio e pediu a Morrissey que lhe passasse a manteiga.—Durante o verão—comentou êle—tivemos aqui no clube alguns dos seus rapazes, Joe Thompson, Mike Marino, Ed Meyers e outros, mas parece-me que é a primeira vez que o senhor vem aqui.

—Tem razão—confirmou Morrissey.—De costume, fico sempre na delegacia para atender às queixas. Claro, já tenho ouvido falar muito dêste clube.—O policial saboreou o café e tomou uma pequena decisão:—Devo confessar que é o único clube da região do qual nunca tive queixa alguma.

—É agradável ouvir dizer isso—respondeu Forrest.—Na verdade, não temos bar com bebidas alcoólicas e isso tem suas vantagens. Além do mais, selecionamos muito cuidadosamente os nossos associados.

Emily, uma vez os convidados servidos, sentou-se na outra extremidade da mesa e chamou a filha para que esta se sentasse a seu lado.—Já alguma vez estêve num clube de nudistas, doutor?— perguntou ela, bem disposta.

—Não, nunca estive—respondeu o médico, falando friamente.

—Recebemos muitas visitas recomendadas por médicos, sabia? É pena que o senhor não seja casado. De outra forma, gostaríamos muito que viesse com sua espôsa passar um fim de semana como nossos convidados.

O médico olhou-a com curiosidade.—Como é que sabe que não sou casado?—perguntou êle.

Emily sorriu.—Os homens solteiros são muito fáceis de identi-

ficar ou, pelo menos, pensamos assim. Deixe-me servir-lhe outro café.

No momento em que o médico ia recusar, a campainha do telefone do portão interrompeu as conversas. Linda levantou-se ràpidamente para ir responder.

—Meu nome é Tibbs—informou a voz na linha.—Tomei a liberdade de entrar e servir-me dêste telefone. Estou na colônia nudista, não é verdade?

—Isto é um clube de nudistas—corrigiu Linda.—O senhor é membro, porventura, de qualquer outra organização de nudistas, aqui ou em outro Estado?

—Não, não sou.

—É casado?

—Não, ainda não. Mas ainda tenho esperanças.

—Faça o favor de esperar um pouco. Vou já encontrar com você. —Linda desligou o telefone.—Mais um solteiro—relatou ela ao pai. —Trata-se de um perfeito atrasado. Perguntou se isto era uma colônia nudista.

—Pelo menos interessa-se por nós—comentou Emily suavemente.

—Bem, do que não há dúvida é que se trata de um principiante. Vou cuidar dêle.

—Êle disse como se chamava?—perguntou Morrissey.

—Tibbs—informou Linda.

—Agora, que já sei o que você quer dizer com essa palavra, posso afirmar-lhe que não se trata de um inibido.

Linda olhou para êle durante um momento, esperando que o policial se explicasse melhor. Como êle não o fizesse, a môça encolheu os ombros e saiu da cozinha. Ao atravessar o grande gramado pela segunda vez naquela manhã, Linda recordou quantos rapazes solteiros já haviam tocado a campainha do portão, alguns dêles muito simpáticos e outros com tôda a aparência de não o serem. O pior de tudo eram os ocasionais carros cheios de rapazes ou mesmo homens já maduros, todos manifestando grande curiosidade, trazendo máquinas fotográficas e todos êles com famílias que, cautelosamente, haviam deixado em casa. Todavia, Linda sabia muito bem como lidar com essa gente e nunca se assustava ou atrapalhava. Sabia perfeitamente que, sempre que ia ao portão receber desconhecidos, seu pai depressa apareceria se ela demorasse mais de cinco minutos ou não telefonasse para casa a dar uma explicação.

Ao alcançar o portão, Linda viu um Ford prêto parado, com um homem de pé a seu lado, aguardando pacientemente.

Linda descobriu várias coisas muito ràpidamente. Calculou que êle tinha pouco mais de trinta anos, que era de meia altura, bas-



tante magro e que trajava um terno convencional, mais próprio a um escritório do que a um clube de nudistas. Contudo, estas impressões eram secundárias. O que ela notou em primeiro lugar, e que se sobrepunha a todo o resto, era o fato de ser êle um negro.

Durante um instante, Linda perdeu a confiança em si mesma. Nunca tivera de acolher um negro, candidato ao clube e, além disso, não tinha qualquer amigo que fôsse de côr. Como regra geral, a môça recusava automàticamente, embora com a maior das delicadezas, qualquer candidato solteiro ou, pelo menos, que viesse sem uma noiva ou uma amiga. Essa era a política do clube. Todavia, se procedesse dessa maneira naquela circunstância, o homem poderia pensar que a recusa era por causa de sua côr, o que não seria verdade.

Sem saber bem como, Linda sentiu que êle compreendera aquêle seu embaraço. O homem deu alguns passos à frente e parou a pouca distância da môça.

—Chamo-me Virgil Tibbs—informou êle.—A delegacia pediu-me que viesse aqui. Sou um agente da polícia.

A primeira sensação de Linda foi de alívio. Não teria de recusar-lhe a entrada. Então, êste é que era o famoso Virgil! Recordou-se, então, do comentário que Bill Morrissey fizera; a piada era boa, Virgil era escuro da cabeça aos pés e ela nunca poderia descobrir se êle era ou não um nudista. Ao retirar a corrente, decidiu que se havia de vingar de Morrissey. O cara não a tinha avisado de que êle era negro.

—Entre, Sr. Tibbs—convidou ela.—Já sabe que isto é um clube de nudistas. O parque de estacionamento dos membros fica ali adiante. Pode deixar o carro naquele canto e, depois, tome o atalho para chegar até casa. Eu vou a pé e irei esperá-lo perto de casa.

—Muito obrigado—disse Tibbs, entrando no carro sem fazer qualquer comentário. Enquanto voltava a colocar a corrente, Linda pensou que o homem tinha uma voz agradável, moderada e controlada, sem qualquer sotaque. Em seguida, caminhou ràpidamente pelo atalho e foi esperar a cêrca de vinte metros da casa. Queria ver como é que Tibbs andava; ela sempre pudera descobrir muita coisa a respeito de pessoas pela maneira como elas andavam, especialmente quando entravam num clube de nudistas pela primeira vez. Enquanto esperava, respirou fundo o ar da manhã, tão cheio de vida e de aromas de flôres. Era difícil pensar que, no meio de tôda aquela beleza, havia um cadáver coberto com um lençol, mesmo ao lado da piscina. Ainda por cima, o cadáver de um homem que talvez tivesse sido assassinado.

Quando Virgil Tibbs se juntou a ela, Linda decidiu que êle tinha uma maneira de andar muito satisfatória. Sentiu que estava

perfeitamente à vontade, não sendo do tipo agressivo ou arrogante, mas sim um homem que sabe o que está fazendo e o que quer. Tinha também aquela confiança natural, muito serena, o tipo de confiança em si mesmo que nasce da intuição e do instinto.

Os pássaros, cantando alegremente, continuavam a declarar que Deus estava no Céu e que tudo ia bem no mundo.

—Os outros estão na cozinha tomando café—explicou Linda.—Quer ir ter com êles?

—Seria melhor se me mostrasse...onde se encontra o corpo—respondeu Tibbs.

—Venha comigo.—Linda gostou do fato de que êle colocara o trabalho antes do resto; seu pai ensinara-lhe que isso era sempre muito importante.

Ao chegarem perto da piscina, a môça verificou que os policiais e o médico já haviam regressado para junto do cadáver. Um súbito pensamento atravessou-lhe o espírito: êles haviam procedido assim para que Tibbs os encontrasse no seu pôsto. Isso fazia dêle, talvez, algo mais do que um policial comum.

—O senhor é detetive?—perguntou ela.

—A polícia de Pasadena diz que eu sou um investigador—respondeu êle.

—Mas um investigador é um detetive, não é?

Tibbs olhou para ela e sorriu um pouco trocista.—É melhor que o seja, para não ser despedido—respondeu êle. Alguns metros mais e os dois chegaram junto dos outros.

Depois de cumprimentar os homens, Tibbs levantou uma ponta do lençol, olhou para o corpo e depois voltou para perto de Linda.—Obrigado por me ter trazido até aqui—disse, sabendo que ela compreenderia que êle desejava que os deixasse a sós.

Linda olhou-o fixamente.—O corpo está nu e já o vi. Não vou desmaiar ou começar a gritar só por se tratar de um morto.

Tibbs devolveu-lhe um olhar tão fixo quanto o dela.—Se você estivesse no meu lugar—perguntou o investigador—gostaria de descobrir o cadáver de um homem nu em frente de uma simpática e bonita môça?

Sem sequer olhar para os outros, Linda sentiu que Bill Morrissey estava olhando para êles e escutando a conversa.

—Isso dependeria da môça—respondeu Linda.—Se se tratasse de uma môça qualquer, eu hesitaria, sim. Mas se fôsse uma môça que viveu oito anos num clube de nudistas e que olha para a anatomia de um homem como se esta fôsse um mero objeto, o caso seria diferente. Suponha, também, que essa môça pensasse em estudar medicina e que quisesse aprender tudo o que fôsse possível sempre que o pudesse fazer. Que me diria, então?



Tibbs fêz uma careta e piscou-lhe o ôlho, divertido. Linda acompanhou-o quando êle se dirigiu de nôvo para o cadáver, e ficou a dois metros de distância quando êle retirou o lençol. Apesar da sua tão confiante declaração, Linda não sabia bem como se iria sentir, visto não saber o que aquêles homens tencionavam fazer ao cadáver. A môça decidiu concentrar-se na investigação e afastar quaisquer outras idéias. Seria interessante averiguar se tinha algum talento para descobrir qualquer coisa por si mesma.

Calculou que o homem tinha cêrca de cinqüenta anos. O cabelo fôra cortado havia pouco tempo e certamente por um bom barbeiro. O mais provável era que êle vivesse nas redondezas, talvez numa das casas de verão ali perto. Tinha o rosto redondo, estava bem barbeado e, apesar do lúgubre aspecto que a morte lhe dera, Linda sentiu que fôra uma pessoa agradável. Se êle tivesse batido ao portão com a família, ela ter-lhe-ia dado entrada. Linda teve uma súbita idéia e olhou para as unhas do homem. Estavam limpas e bem cortadas. Portanto, não se tratava de um trabalhador manual. Fôra um executivo ou qualquer coisa dêsse tipo.

A môça observou atentamente a pele branca que ficava escondida pelo calção quando êle tomava banhos de sol; não havia dúvida de que usara sempre um calção muito pequeno, mas também era certo que nunca praticara o nudismo. Notou, ainda, uma cicatriz que denunciava extração do apêndice. Além disso, descobriu mais um fato que anotou muito cuidadosamente.

O investigador negro estava de joelhos ao lado do corpo, pressionando com os dedos, aqui e ali, a pele morta do homem. Depois, abriu-lhe a bôca e examinou o interior. Linda confessou a si mesma que não gostaria de fazer aquilo. O pensamento de estudar medicina, que na realidade fôra muito vago, desfez-se totalmente naquele momento.

Tibbs levantou-se.—Já o podem levar, agora—disse êle ao motorista da ambulância.—Não sei se me vão destacar oficialmente para êste caso, mas se o fizerem vou querer relatórios do laboratório e da autópsia.

O motorista voltou para junto da ambulância e regressou pouco depois com uma maca. Linda recuou um pouco para lhes dar mais espaço. O motorista e o outro policial mais jovem colocaram o cadáver em cima da maca, com Tibbs dando-lhes uma ajuda.

—Ainda precisa de nós?—perguntou Morrissey.

—Não, podem ir-se embora—respondeu Tibbs.—Eu vou dar uma olhadela por aqui e ficarei aguardando instruções. Diga-lhes que me telefonem para êste clube.—Dito isto, voltou-se para Linda:—Seu telefone está no catálogo?

—Naturalmente. Até temos um anúncio nas páginas amarelas.

Depois dos outros policiais partirem, a môça lembrou-se de oferecer a hospitalidade habitual.—Venha tomar um cafèzinho conosco—sugeriu ela.—Quero que conheça o resto da família.

—Com todo o prazer—respondeu êle—mas primeiro quero olhar em volta da piscina. Espera algumas visitas, hoje?

—Não temos quaisquer reservas específicas, mas o mais provável é que apareçam vários membros, talvez mesmo muitos, já que o tempo está tão bom.

Tibbs olhou para o céu, na direção do sol.—Posso tirar o paletó? —perguntou.

—Como?—exclamou Linda.—Bem, que acha? Claro, tire tudo o que quiser. Ponha as suas roupas em cima de uma daquelas cadeiras e fique mais à vontade. Dê um mergulho na piscina, também, se é que não se incomoda pelo fato do cadáver ter estado lá dentro.

Ao acabar de falar, Linda sentiu que êle ficara um pouco embaraçado e pensou errôneamente que era por causa dela.—Não me diga que tem vergonha de mim...

Tibbs interrompeu.—Eu tinha falado no paletó, só no paletó. Temos umas certas regras, na polícia.

—Nós também temos regras, aqui—retorquiu Linda.—O senhor é uma exceção por ter vindo em missão oficial.

Tibbs despiu o paletó e colocou-o nas costas de uma cadeira.

—A gravata—disse Linda.—Pelo menos, a gravata.

—Promete-me que não pede para eu tirar mais nada?

Linda soltou uma gargalhada.—Prometo, sim.

Tibbs desfez o nó da gravata e colocou-a cuidadosamente sôbre o paletó. Vestia uma camisa de manga curta e, quando desabotoou o botão de cima, Linda achou que êle tinha um aspecto muito agradável.—Então, não está mais à vontade?—perguntou ela.

—Não tem dúvida—confessou Tibbs.

—Eu não dizia?

O investigador sorriu.—Não perca o seu tempo a estudar medicina; dedique-se à advocacia e desenvolva os seus talentos naturais.

—E se eu resolver ser uma mulher detetive?

Tibbs olhou-a atentamente.—Muito bem, digamos que você trabalha comigo na polícia. Conhece perfeitamente êste local e, contra a minha opinião, já viu o cadáver. Quais foram, assim, as suas deduções?

Linda respirou fundo e concentrou-se. Quando começou a falar, era como se estivesse fazendo um relatório formal.—A vítima era um homem de aproximadamente cinqüenta anos. Não era um operário, o mais certo é que fôsse um executivo. Cuidava muito da sua aparência ou, pelo menos, preocupava-se com andar limpo e bem arrumado. Eu diria que era um homem de hábitos regulares. Não



era nudista. Parece-me que, de um modo geral, era uma pessoa agradável.—Linda fêz uma pausa e olhou para o investigador.—Que tal?

—Podia ser pior—reconheceu êle.—Você viu muita coisa, mas eu estive mais perto dêle e tenho um pouco mais de experiência.

—Quanta experiência? Já trabalhou em muitos crimes de morte?

Tibbs respondeu-lhe pacientemente:—Já estou na polícia há mais de dez anos. Sim, tenho investigado muitos crimes de morte. Sou considerado uma espécie de especialista em crimes contra pessoas: assassínio, extorsão, assaltos, roubo...

—E, naturalmente, estupro.

—Mocinha...—começou Tibbs a dizer.

—Bem, diga-me o que é que me passou despercebido. Sôbre o cadáver, claro—interrompeu Linda ràpidamente.

Tibbs sentou-se num banco e olhou para a môça.—Você notou o corte do cabelo, as unhas e as marcas do calção de banho. Para uma principiante, não está mal.

—Também vi que êle foi operado do apêndice—acrescentou Linda.

—Muito bem. Êsse é um ponto válido de informação. Com um pouco de imaginação, acrescentarei mais os seguintes fatos: a vítima deve ter vivido no estrangeiro, encontrando-se de volta há pouco tempo. É possível que tivesse qualquer sotaque. Deve ser bom nadador. Não creio que êle fôsse um executivo, como você pensa. Parece-me muito mais provável que fôsse uma pessoa de meios ou que, pelo menos, apenas trabalhasse ocasionalmente. Considerando a sua idade, até é possível que estivesse aposentado. Com uma grande dose de imaginação, até me atrevo a tentar adivinhar a profissão dêle. Diria que era um muito bom técnico de qualquer tipo, talvez um engenheiro.

Linda levantou-se e olhou para êle.—Estou impressionada—disse ela.

—Não tem razão para isso. Releia aquela história *Um Estudo em Vermelho,* de Sherlock Holmes, e veja o que êle descobriu numa sala vazia de uma casa deserta, tendo apenas como indício parte de uma palavra escrita na parede.

—Continuo impressionada. Assim, já sei qual é a razão de ser o senhor um investigador.

Tibbs sacudiu a cabeça.—Você notou muita coisa, mas não reparou na mais importante.

—Bem, eu não disse tudo—confessou Linda.—Eu ainda não conheço o senhor muito bem, mas já sei qualquer coisa sôbre a religião daquele homem. Estou quase certa de que não era um cristão ortodoxo.

Tibbs olhou de nôvo para ela, surpreendido.—Você é uma senhorita muito notável—reconheceu o investigador.—Eu também escondi um pormenor e estou muito contente por não lho ter dito antes.

—Diga-me, agora—pediu Linda, ansiosa.—Eu já lhe disse tudo.

Tibbs fêz um gesto negativo.—Desculpe, mas não posso. Bem, junte todos os fatos que já temos e veja se pode formar uma tese.

Linda tornou-se pensativa.—O motivo foi o roubo—sugeriu ela passado um instante.—Levaram tudo o que êle tinha, incluindo as roupas.

Tibbs fêz estalar os dedos.—Isso é insignificante em relação ao verdadeiro crime; levaram-lhe a vida, o que é quase a pior coisa que pode acontecer.

—E qual é a pior?

—A traição. Mas você ainda se esqueceu de uma coisa muito importante.

—O quê?

—Analise os fatos básicos: temos aqui um cadáver, inteiramente sem roupas ou objetos pessoais. Claro, você está habituada a isso, estar sem roupas, quero dizer. Todavia, você mesma disse que o homem não era nudista. Êle tinha dentaduras postiças, em cima e embaixo, e essas também desapareceram. Foi trazido para aqui durante a noite, sem que o responsável despertasse a sua família. Depois, foi jogado na piscina. Por quê?

—Para nos embaraçar, para prejudicar o nudismo.

—Não creio que essa tenha sido a razão. Você não vê, minha amiga, que êle foi deixado nesta situação num local estranho, no qual, òbviamente, êle nada tinha a fazer, e até o deixaram sem dentaduras...

Linda abriu a bôca e soltou uma exclamação.—Claro! Para que ninguém soubesse quem êle era!

—Nós conseguiremos identificá-lo, mas vai levar tempo, um tempo precioso.

—Posso fazer-lhe uma pergunta?

—Com certeza.

—Se o assassino queria tornar difícil ou mesmo impossível a identificação, por que razão deixou êle o cadáver aqui, sabendo que seria descoberto imediatamente? Existem centenas de locais perto daqui, onde êle poderia ter sido lançado num precipício, sem que o encontrassem durante semanas e semanas. Algumas das estradas de montanha têm precipícios de ambos os lados e, além disso, cavernas não faltam.

Tibbs olhou para baixo e, em seguida, voltou a olhar para ela.—Agora, sim, você já está no bom caminho. De momento, ainda



não encontrei a solução dêsse problema. Por ora, pelo menos, essa é a chave do segrêdo.

## Capítulo Quarto

Forrest Nunn surgiu por entre as árvores num estado de espírito aparentemente perturbado. Ao aproximar-se da piscina e vendo Tibbs pela primeira vez, o seu rosto revelou uma grande surprêsa, mas logo se controlou.—O senhor é que se chama Tibbs?—perguntou êle.

—Sim, sou Virgil Tibbs.—O detetive estendeu a mão, num gesto tranqüilo e muito natural.

—Desculpe eu não ter vindo antes, estive falando ao telefone—explicou êle—com o jornal local. Temos alguns amigos jornalistas e eu não consegui livrar-me dêles, embora lhes tivesse dito que nada sei sôbre êste assunto.

Em seguida, voltou-se para a filha.—Linda, suspeito de que você está perturbando a investigação. Eu também, talvez.

—Calculo que o senhor seja Forrest Nunn—respondeu Tibbs.—E esta senhorita, creio, é sua filha. Temos estado debatendo o crime.

—Desculpe, se ela o incomodou—falou Forrest. Depois de se terem apresentado formalmente, Forrest Nunn disse a Linda que voltasse para casa e, quando ela se afastou, acrescentou:—Minha filha está naquela idade curiosa em que se quer saber tudo e se julga já ser adulto. De certo modo, ela é bem adulta, mas em muitos outros aspectos ainda não passa de uma mocinha.

Tibbs assentiu.—Eu gostaria de investigar o local durante mais ou menos uma hora, se o senhor não se importa. Depois, gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

—Esteja à vontade e leve o tempo que fôr preciso—respondeu Forrest.—Não deixarei que o venham importunar. Quando terminar, venha até nossa casa para conversarmos.

—Perfeitamente—concordou Tibbs.

O exame de tôda a área em redor da piscina durou mais de uma hora e meia e quando, finalmente, Tibbs regressou ao lugar onde deixara o paletó e a gravata, foi interceptado por uma garôta muito queimada pelo sol que aparecera por entre as árvores.

—Você é o Sr. Tibbs—anunciou ela.—Sabe quem eu sou?

—Um passarinho—sugeriu Tibbs.

—Não, sou a Carole. Papai mandou-me com um recado. Diz que o Sr. Addis telefonou.

—Foi o chefe Addis quem telefonou, êle mesmo?—perguntou Tibbs ràpidamente.

—Não, não foi bem êle.—A garôta consultou cuidadosamente um papel que trazia na mão e acrescentou:—Foi um tal Sr. Harnois. Conhece-o?

—Larry Harnois? Claro que conheço. É um policial de Pasadena. Eu também sou. E que foi que disse êsse Sr. Harnois?

Carole respirou fundo e encheu-se de importância.—Êle falou para dizer ao senhor que o chefe Addis quer que o senhor ajude a gente daqui a descobrir quem é que matou o homem na nossa piscina. E onde é que está êle, afinal de contas?—perguntou a garôta, olhando ansiosamente à sua volta.

—Meus amigos já o levaram na ambulância—respondeu Tibbs.

—Oh!—Carole ficara muito desapontada.

Tibbs voltou a pôr a gravata e apertou o nó cuidadosamente.

—Para que fêz isso?—perguntou Carole.

—Para que eu fique mais bonito—respondeu Tibbs.—Ou, pelo menos, tão bonito quanto é possível.

—Mas eu gostava mais do senhor sem a gravata.

Tibbs riu e olhou-a com carinho.—Você é irmã de Linda?—perguntou o investigador.

—Sou.

—Tem mais irmãs?

—Não.

—Boa coisa—disse Tibbs, sorrindo maliciosamente.

Carole estudou-o com mais cuidado.—Mas temos uma mamãe muito bonita—comentou ela, como se fizesse uma oferta.

—Tenho a certeza de que isso é verdade. Agora, tenho de ir falar com seu pai. Quer mostrar-me o caminho?

Emily Nunn vestira uma saída de praia amarela, pois desconfiara que teria de receber uma porção de policiais durante o dia. Na verdade, por questão de princípio, vestia-se sempre que esperava visitantes que não fôssem nudistas, mas quando chegavam inesperadamente pouco se importava, já que sentia que êles sabiam estar num clube de nudistas e que quaisquer problemas de adaptação teriam de ser resolvidos por êles mesmos.

A primeira impressão que Virgil Tibbs teve dela ao entrar na cozinha foi a de uma jovem e bela mulher, alta e elegante, completamente confiante em si mesma.

—Bom dia, Sr. Tibbs—disse ela, recebendo-o com um sorriso.—Espero que Linda não o tenha incomodado muito esta manhã. Eu fiquei bastante aborrecida quando soube que ela insistiu para ficar com o senhor.

—Não me incomodou, não, Sr.ª Nunn—respondeu Tibbs, muito



delicadamente.—Ela é uma môça muito interessante. E Carole também, claro.

—O senhor é muito amável.—Sem sequer lhe perguntar, Emily Nunn serviu-lhe um cafèzinho.—Já sei que quer conversar com meu marido. Êle não vai demorar.

Mal acabara de falar, Forrest Nunn apareceu à porta da cozinha.

Durante quase uma hora, Tibbs interrogou-o cuidadosamente sôbre a noite anterior, sôbre os hábitos de acesso ao clube e outros possíveis métodos de entrada, bem como sôbre as atitudes da comunidade da vizinhança quanto ao clube. A sugestão de Linda no que respeitava à possibilidade do cadáver ter sido jogado na piscina para prejudicar o clube também lhe ocorrera e merecera-lhe uma grande atenção. Duvidava de que essa fôsse a razão, mas não a eliminou por completo.

—Existem, naturalmente, muitas pessoas que não gostam da idéia do nudismo, só por ser diferente—respondeu-lhe Forrest com a maior das sinceridades.—Mas essa gente não nos incomoda muito. Temos as melhores relações com a maior parte da comunidade e não posso, de modo algum, imaginar quem nos faria isso. Parece-me impossível pensar que alguém traria para aqui um cadáver só para nos causar dano.

—Francamente, concordo consigo. Na minha opinião, o cadáver foi deixado na piscina por uma razão inteiramente diferente.

—Espero que tenha razão—respondeu Forrest.

Tibbs falou com todos os membros da família e não conseguiu qualquer dado positivo quanto à identificação da vítima. Emily não vira o cadáver, mas Forrest, Linda e George garantiram que jamais haviam visto o homem e que o teriam reconhecido se o tivessem visto antes. Nenhum dêles tinha a menor idéia de quem êle era.

Finalmente, Tibbs fechou a agenda e disse:—Fui informado de que êste caso me foi destacado e terei de proceder a uma investigação mais pormenorizada. Isso significa que terei de incomodar os senhores muitas vêzes antes de terminar meu trabalho. De momento, não sei que razões terei para voltar aqui, mas a prática ensinou-me que isso acontece sempre.

Forrest assentiu.—Compreendemos perfeitamente. Venha sempre que quiser e traga qualquer ajudante de que precise. Estamos quase sempre em casa.

Tibbs levantou-se.—Bem, creio que por ora é tudo. Permita-me que lhe peça que me avise imediatamente se encontrar alguma coisa que não lhes pertença perto da piscina, mesmo que pareça não ter qualquer relação com o crime—disse êle, colocando o seu cartão de visita em cima da mesa.

Nesse momento exato, a campainha do portão fêz-se ouvir sonoramente, indicando que um carro acabara de entrar no clube. Tibbs olhou para o relógio. Eram dez para as onze.

Linda levantou-se ràpidamente.—Devem ter retirado a corrente —comentou ela, dirigindo-se para a porta.

—Se não vê inconveniente, Sr. Tibbs, vamos mudar a água da piscina—informou Forrest.—Bem sei que o corpo não contaminou a água, mas alguns dos nossos membros poderiam ficar perturbados com a idéia. Vou esvaziar a piscina, limpá-la bem e voltar a enchê-la.—Forrest Nunn acompanhou Tibbs até à porta.

—Pode fazer tudo o que considerar necessário.

Os dois homens encaminharam-se lentamente para o parque de estacionamento. O dia estava tão belo que parecia querer negar completamente aquilo que fôra descoberto naquela manhã. Um pouco mais adiante, encontraram-se com Linda acompanhada por um casal de meia-idade, um rapaz de dezesseis ou dezessete anos e duas filhas mais novas. Tibbs desviou-se o suficiente para evitar a necessidade de apresentações. Quando os dois homens já tinham passado, ainda a alguns metros de distância, o visitante que estava com Linda deteve-se e voltou-se para trás.

—Já vejo que não se preocupam com quem entra aqui—declarou êle num tom de voz ofensivo.

—Desculpe—disse Forrest, embaraçado.

—Receio fazê-lo perder alguns sócios—replicou Tibbs.—Quando voltar para casa, explique àquele casal que eu não sou membro do clube. Diga-lhes que a Administração Regional me enviou para inspecionar a piscina.

—Forrest sacudiu a cabeça.—Não vou fazer isso. Nunca aceitamos comunistas notórios, pessoas com idéias sexuais anormais, perturbadores da ordem em geral e racistas. Temos muitos sócios que são judeus e descendentes de japonêses.

Já no parque de estacionamento, Tibbs sentou-se ao volante do seu carro e disse:—Tentarei mantê-lo informado do que se fôr passando. Não se esqueça de me telefonar imediatamente, se encontrar alguma coisa por aqui.

—Pode ficar descansado.

Tibbs dirigiu o carro para a estrada, saindo do clube e tomando o caminho de São Bernardino. Foi apresentar-se na delegacia e fêz seu relatório, seguindo depois para a morgue. Trocou algumas palavras com o encarregado, o qual ficou um pouco surpreendido, desaparecendo durante alguns minutos. Quando regressou, entregou a Tibbs uma caixinha igual às que são geralmente usadas para comprimidos. Depois de ter escrito uma mensagem ao médico, formulando duas ou três perguntas, o investigador de Pasadena vol-



tou para seu carro e, tomando a auto-estrada, fêz o trajeto de setenta e poucas milhas até ao seu próprio escritório.

Cêrca de uma hora depois, já se encontrava na sua modesta sala, compartilhada com outro detetive, e que tanto lhe custara ganhar. Sentou-se à sua mesa, colocou a caixinha que trouxera diante de si e encostou-se para trás, pensativo.

Quando entrara na polícia de Pasadena, depois de completar os cursos de treinamento habituais, tivera direito a usar um uniforme e o seu trabalho, de início, exigia-lhe estar de pé quase todo o dia a dirigir o tráfego. Mais tarde ganhara um pequeno veículo de três rodas, no qual, dia após dia, num trabalho interminável, percorria as ruas da cidade em busca de carros estacionados em lugar proibido. Durante seis anos, Tibbs ocupara-se pacientemente de várias tarefas policiais empregando, todavia, boa parte do tempo disponível numa outra atividade. Nos seus tempos de colégio interessara-se muito pelas artes marciais orientais, como o judô, o kendo, o aikido e o karatê. A arte do sabre, o kendo, embora o atraísse, era de menor importância, para êle, do que as outras artes, às quais talvez tivesse de recorrer durante seu trabalho profissional. Gradualmente, êsse seu interêsse concentrara-se mais e mais no poder sutil do aikido e, num contraste muito direto, na disciplina espartana e mortal do karatê.

Nos cursos que freqüentara, tanto de aikido, como de karatê, Tibbs aprendera a ficar imóvel durante horas, olhando para a frente, fixamente, sem que nada o pudesse distrair. Aprendera também a cair, a rolar pelo solo e a combater o inimigo com movimentos ágeis das ancas e dos pulsos, no curso de karatê, onde cada sessão era um teste do seu contrôle muscular. Conseguira concentrar, também, tôda a fôrça do corpo com uma energia imensamente ágil. Aprendeu a desfechar golpes com a mão aberta, a dar pontapés e a lançar-se com uma velocidade incrível e uma exatidão perfeita sôbre o adversário. Depressa aprendera a servir-se com grande eficácia das palmas das mãos, dos cotovelos, dos joelhos e dos pés, aperfeiçoando-se ainda na arte de se proteger contra ataques semelhantes por possíveis inimigos futuros.

Nesses cursos, nenhum dos seus professôres parecera sequer notar que êle era um negro. Por seu lado, Tibbs nem tinha consciência de que alguns dos seus professôres e colegas eram japonêses. Na verdade, êle não tinha tempo para tais considerações. Os adversários com que se defrontava nas aulas eram homens de grande agilidade e fôrça física. Era obrigado, portanto, a uma concentração total para poder dominá-los, quase não tendo tempo para verificar se êles eram japonêses ou americanos.

Já era policial havia seis anos, estudante de karatê havia mais

de oito anos, quando seus professôres de karatê tomaram uma decisão a seu respeito. Depois de o terem examinado muitas e muitas vêzes, decidiram que êle atingira um nível muito acima da média. Tibbs sentiu-se imensamente feliz e orgulhoso quando o chamaram para o investir com a mais alta recompensa daquela arte, o cinturão negro. Tornara-se num *shodan,* a categoria inferior dos cinturões negros, mas depois disso passara a ser um membro da elite.

Quatro dias mais tarde, um ladrão armado atacou um pôsto de gasolina durante a noite e, ao tentar fugir, encontrou-se diante de um magro e alto negro, desarmado e vestido com um terno comum. O ladrão estendera o braço para afastar do seu caminho aquêle insignificante passante e recebera a maior surprêsa da sua vida segundos antes de ficar inteiramente inconsciente. Despertou muitas horas mais tarde na enfermaria do Hospital Geral de Los Angeles, com um braço quebrado metido em gêsso e com a certeza de que voltaria para a prisão, desta vez por um período bem mais longo.

Êsse oportuno incidente assinalara o início da carreira de Tibbs como investigador, designação usada pelo Departamento de Polícia de Pasadena para certos detetives. Durante uma das suas primeiras missões, Tibbs tivera de trabalhar como engraxate cêrca de três semanas, aguardando dois homens que costumavam encontrar-se, de tempos a tempos, numa esquina da cidade. Finalmente, quando êles apareceram, nem sequer imaginaram que aquêle pobre engraxate tinha qualquer interêsse pelos assuntos que queriam discutir. Assim, conversaram animadamente enquanto Tibbs lhes engraxava os sapatos e, no final, quando lhes estendeu a mão, não foi para lhes pedir dinheiro, mas sim para lhes mostrar a carteira da polícia. De início, os homens não acreditaram; mais tarde, acreditaram completamente, e, pelo menos durante algum tempo, uma das ramificações do negócio dos narcóticos foi eliminada.

Tibbs, agora um profissional muito experiente, ficou sentado à sua mesa, examinando cuidadosamente uma longa lista de pessoas desaparecidas. Encontrou quatro possíveis. Estava anotando os seus nomes quando seu telefone tocou e êle foi chamado para fazer um relatório do caso ao Capitão Lindholm. Dirigiu-se ràpidamente para a sala do seu superior, mas pouco tinha a relatar, além daquilo que já constava do arquivo.

—Segundo entendo, Virgil—disse o capitão—o corpo estava despido, sem quaisquer roupas nas proximidades.

—Isso mesmo—respondeu Tibbs.

—Encontrou alguma coisa de útil em volta da piscina?

Tibbs sacudiu a cabeça.—O solo é muito duro, em tôda aquela



área, capitão. Percorri todo o clube e não encontrei o menor indício.

—Então, estou certo de que o assassino não deixou mesmo qualquer pista. Que relação pensa haver entre o corpo nu e o local onde foi encontrado?

—Devo dizer que ainda não descobri qualquer relação. A família que dirige o clube parece ser gente de responsabilidade e gozam todos de uma reputação muito sólida. O xerife disse-me que nunca tiveram uma queixa sôbre êsse clube de nudistas.

—Já formou alguma hipótese?

Tibbs hesitou.—Apenas parcial. Parece evidente que o assassino despiu a vítima e lhe arrancou as dentaduras para nos tornar difícil a identificação.

—Isso parece lógico e, além do trabalho de rotina, não vejo que pista você possa seguir.

—Temos uma coisa, capitão.—Tibbs colocou a caixinha que trouxera em cima da mesa do superior.—O assassino esqueceu-se de um pormenor. Eu não mencionei isto antes para não dar publicidade ao fato.

—Que tem aí, Virgil?

Tibbs apontou para a caixinha.—Lentes de contato—informou êle.

## Capítulo Quinto

SEMPRE QUE PASSAVA um dia, ou uma sucessão de dias, de trabalho duro sem quaisquer resultados práticos, Virgil Tibbs chamava-lhe um "período de rosto amarelo". Tratava-se de uma referência à famosa aventura de Sherlock Holmes, *A Face Amarela,* na qual o imortal detetive se enganara, não conseguindo descobrir a solução do crime e terminando com uma derrota humilhante.

As vinte e quatro horas seguintes constituíram um período de rosto amarelo. O morto fôra claramente um homem de meios e, possìvelmente, até importante. O mais natural, portanto, era que alguém informasse a polícia de que êle desaparecera, mas ninguém, aparentemente, se queixara do seu desaparecimento.

Os registros locais de impressões digitais não trouxeram qualquer luz sôbre a identidade do morto e o F.B.I. informou a polícia de Pasadena de que aquelas impressões não estavam registradas no arquivo central de Washington. Ao que parecia, o desconhecido jamais tivera as impressões digitais registradas ou, pelo menos, nos Estados Unidos.

Entretanto, Tibbs estudara atentamente os relatórios sôbre as quatro pessoas desaparecidas que êle escolhera como possíveis. Uma investigação preliminar eliminou imediatamente duas delas; a terceira não parecia oferecer grandes perspectivas, mas a quarta talvez pudesse constituir uma esperança.

Depois, às dez da manhã, uma mulher, que pelo seu aspecto poderia talvez ser a espôsa do morto, entrou com certa hesitação na sala de espera do edifício da polícia de Pasadena e aproximou-se do policial de serviço.

—Gostaria de falar com um oficial da polícia—anunciou ela com alguma determinação.

O policial de serviço, que fôra alertado, e que reconhecera aquela mulher como sendo a quarta hipótese, e a mais segura da lista de pessoas que Tibbs preparara, resolveu chamar o investigador. Quando êste chegou, a mulher olhou friamente para êle e repetiu as mesmas palavras:—Gostaria de falar com um oficial da polícia.

—Eu sou um oficial da polícia—respondeu Tibbs.—Em que posso ajudá-la?

A mulher continuou a olhá-lo friamente.—Gostaria de falar com um dos oficiais *regulares*.

—Eu sou um oficial regular, minha senhora.

—Então, eu gostaria de falar com um detetive.

Por vêzes, a paciência de Tibbs quase se esgotava. Controlava-se perfeitamente, na maioria dos casos, mas as frustrações do dia já o tinham exasperado.—Minha senhora—disse êle, falando com uma firmeza que transmitia a autoridade do seu cargo—eu sou um detetive e estou ao seu dispor. Em que posso ajudá-la?

A mulher olhou para êle durante um momento, voltou-lhe as costas e saiu do edifício.

Tibbs respirou fundo para se acalmar. Curvou-se um pouco e, ao voltar a endireitar-se, já dominara por completo.

—Volte a chamar-me se ela tornar a aparecer, Harry—disse ao policial de serviço—mas, antes, tente descobrir o que ela quer.

Harry compreendera perfeitamente o que se passara; aquêle tipo de coisa já tinha acontecido antes.

O correio da manhã trouxera-lhe uma carta do oficial Sam Wood, do Departamento de Polícia de Wells. Com um orgulho justificável, Sam informava Tibbs de que a sua promoção a sargento já fôra aprovada e que entraria em vigor dentro em pouco. Apesar de ter passado tôda a sua vida no Sul, a carta de Wood era muito amigável. Contava que o festival de música de Wells fôra um sucesso e que todo o mundo reconhecia que fôra uma boa idéia organizá-lo. A cidade parecia estar revivendo com a entrada de dinheiro dos turistas. Sua amiga Duena Mantoli, com quem



êle ia sair naquela noite, pedira-lhe especificamente para enviar as suas melhores saudações a Tibbs.

Tibbs guardou a carta no bôlso, já se sentindo infinitamente melhor.

O investigador decidiu, então, visitar uma das outras mulheres que relatara o desaparecimento do marido. Estava perfeitamente consciente de que, se a visita resultasse positiva, êle teria de anunciar à infeliz que o marido fôra assassinado.

A Sr.ª Sian McCarthy, mãe de cinco filhos, entreabriu a porta e, ao ver Tibbs, disse:—Não estamos comprando nada.

—Eu venho da delegacia, Sr.ª McCarthy. Sou um detetive—explicou Tibbs.

Ainda meio desconfiada, a mulher abriu a porta para que êle entrasse. Era de pequena estatura e Tibbs calculou que pesava uns setenta quilos. Pela sua expressão, o detetive sentiu que tinha mau gênio e que se irritava com muita facilidade. Seus olhos tinham um brilho muito duro, embora talvez tivessem sido muito belos na juventude. O rosto ainda aparentava uma certa beleza, mas a expressão geral das suas feições parecia indicar que ela reprovava tudo e todos.

Fazendo um óbvio esfôrço para ser amável, indicou a Tibbs que se sentasse numa cadeira da pequena sala de estar. O mobiliário era barato e de mau gôsto, embora todo o conjunto tentasse dar o aspecto de uma certa elegância.

Tibbs sentou-se e, embora procurasse cuidadosamente evitar qualquer conclusão precipitada, já se preparara para uma desilusão. Esta casa e esta mulher não condiziam com o homem que fôra assassinado.

—A sala ainda não foi arrumada—informou a mulher.—Com cinco filhos e sem homem para ajudar, não consigo ter a casa em ordem.

Tibbs sentiu uma certa simpatia pela mulher e decidiu entrar no assunto o mais cuidadosamente possível.—Sr.ª McCarthy, estamos estudando um caso que talvez tenha qualquer relação com o desaparecimento do seu marido. Calculo que êle seja um homem de certa importância...

A Sr.ª McCarthy assentiu firmemente.—Isso, êle é—concordou ela.—Que descobriu?

Tibbs prosseguiu tão cautelosamente quanto possível:—Estamos investigando um caso e, embora não haja grande possibilidade de se referir ao seu marido, não queremos deixar passar em claro qualquer coisa que nos ajude a solucionar o desaparecimento do Sr. McCarthy.

A mulher, que se conservara em silêncio até aquêle momento, assentiu com um gesto muito rápido.

Tibbs decidiu mergulhar:—Ontem, um homem de aparência muito distinta foi descoberto por nós, parecendo ter sido vítima de um acidente. Não tinha qualquer documento de identidade com êle e, agora, não conseguimos estabelecer quem êle era.

—Está morto, então?

Tibbs assentiu.—Receio que sim, Sr.ª McCarthy, mas repito que não temos razão alguma para pensar que seja o seu marido.

O jornal da manhã encontrava-se em cima de uma cadeira, ao lado daquela onde Tibbs estava sentado. O investigador pegou nêle e abriu-o mostrando à mulher o relato sôbre o corpo que fôra encontrado na piscina. Ela leu o artigo sem mudar de expressão. Ao terminar, jogou o jornal no chão como se estivesse contaminado.—Não se trata do meu marido—anunciou ela, agora com as feições ainda mais duras do que antes.

—Posso perguntar-lhe como sabe disso?—inquiriu Tibbs.

A Sr.ª McCarthy respirou fundo e cruzou os braços em frente do seu opulento busto.—Não se trata do corpo do Sr. McCarthy—repetiu ela, num tom que não admitia quaisquer dúvidas.

Tibbs fraseou as suas palavras seguintes com todo o cuidado, falando lentamente, por saber que muitas pessoas reagem estranhamente a uma dor daquele tipo.—Estou certo de que tem razão, Sr.ª McCarthy—disse êle, procurando apaziguar a mulher—mas para ficarmos com os nossos arquivos oficiais em ordem, agradeceria muito que me dissesse a razão que a levou a essa conclusão.

Tibbs observou-a com grande atenção, verificando que ela travava uma luta consigo mesma, mas já sabia, na verdade, o que ela lhe ia dizer.

—Meu marido—falou ela com grande firmeza—jamais seria encontrado, em circunstância alguma, num local *dêsses*. Nós somos gente respeitável.

Tibbs aguardou durante alguns segundos e, depois, voltou a falar:—Os donos do clube afirmaram não conhecer o homem que foi encontrado na piscina. Disseram que não era sócio do clube e que nunca ali estivera.

—Isso não me interessa—disse a Sr.ª McCarthy.

—O que desejo dizer—acrescentou Tibbs—é que o homem não pertencia, òbviamente, a êsse clube. Alguém o levou para lá e o deixou dentro da piscina.

A mulher recusou-se a ceder.—Eu já lhe disse, e não vejo razão para repeti-lo, que somos uma família séria e que nada temos a ver com locais de imoralidade pública. Somos gente de igreja e



vivemos pela nossa fé. Meu marido jamais entraria num clube de nudistas, vivo ou morto.

Tibbs sabia perfeitamente que não podia lutar contra aquela determinação. Levantou-se com o ar de quem estava inteiramente convencido e satisfeito. Só então é que a Sr.ª McCarthy cedeu, notando a sua aparente rendição.

—Como foi tão prestativa, Sr.ª McCarthy—disse Tibbs—há um outro pormenor que talvez nos auxilie a resolver o problema do desaparecimento de seu marido. Sabe dizer-me se êle foi operado do apêndice?

A mulher sacudiu a cabeça.—Não, nunca foi operado, pelo menos até desaparecer.

Êsse fato foi decisivo.—Muito obrigado pela sua cooperação, Sr.ª McCarthy—disse Tibbs, acrescentando:—Pelo que me disse, estou certo de que o homem que encontramos não é o seu marido.—Desta vez, pelo menos, êle falara estritamente a verdade.

Quando regressou ao escritório, Tibbs encontrou um relatório, transmitido pelo telefone, do médico de São Bernardino. O relatório fornecia-lhe a causa da morte, assunto a que Tibbs deu atenção imediata.

Segundo aquela primeira informação, o desconhecido morrera como resultado de um ataque físico. Tudo indicava que fôra um ataque por um especialista, visto que o corpo, exteriormente, não aparentava quaisquer indícios das pancadas que sofrera. A principal causa da morte fôra, por certo, um golpe muito potente que lhe causara ruptura da aorta. Como o morto fôra um homem robusto, ao que parecia, em boa condição física, a pessoa que lhe causara a morte era, com certeza, muito forte e, também, entendida em golpes daquele tipo.

Isso trouxe nova luz ao caso. Tibbs pôs de lado, imediatamente, qualquer idéia de um acidente. Inclinou-se para trás, colocou os pés em cima da mesa e ficou olhando para o teto, pensando com grande concentração.

Ainda se encontrava naquela posição quando chegou o investigador com quem compartilhava a sala. Tibbs estava tão imerso nos seus pensamentos que decorreram uns bons cinco minutos antes de notar a presença do companheiro.

Bob Nakamura era muito corpulento e tinha um rosto bem redondo, condizendo com todo o seu corpo. Não tinha as feições típicas da sua origem japonêsa, mas usava óculos e tinha um olhar perpétuo de inocente e inconsciente felicidade. Ninguém acreditaria fôsse êle um detetive, o que aumentava grandemente o seu valor.

—Como é que vai o caso?—perguntou Bob.

Tibbs hesitou antes de responder.—Creio que—disse lentamente —acabo de solucionar um aspecto que me estava perturbando. Além disso, a coisa vai mal. Não é tão simples quanto eu pensava.

Bob sentou-se diante do companheiro.—Está bem, conte-me tudo. Desabafe e até pode ser que eu lhe dê algumas idéias.

Tibbs levantou-se, foi fechar a porta, e voltou para junto da mesa.—Você já conhece os fatos básicos. Dêsses fatos, deduzi algumas coisas. Em primeiro lugar, o morto tinha marcas muito evidentes de que usava calções de banho com grande freqüência, o que confirma a declaração daquela gente do clube de nudistas ao dizerem que êle não era sócio. Isso levou-me a pensar que o fato de ter sido encontrado no clube foi puramente acidental ou, então, foi uma pista falsa que o assassino nos deixou deliberadamente.

—Eu diria que a segunda hipótese é a mais provável—falou Bob. —A coincidência de estar nu, num clube de nudistas, é demasiado forte.

—Inclino-me para concordar com você, mas não se esqueça de que muitas vêzes os cadáveres que encontramos estão nus. Marilyn Monroe é um exemplo.

—Continue, estou escutando.

—Bem, o calção de banho que êle usava era de dimensões mínimas. Que poderá isso significar para você?

—Não sei, e você?

—Como sabe, êsse tipo de calção minúsculo não é muito usado entre nós. O hábito é popular em outros países, mas não aqui. Isso faz-me pensar que o homem vivia no estrangeiro. As marcas eram tão evidentes que só poderiam ser o resultado de um sol muito forte e de um clima muito quente.

—Além disso—comentou Bob—isso também prova que êle passava muito tempo ao ar livre, numa praia ou em lugar semelhante.

—Exatamente... e, como êsses calções geralmente só são usados por gente que gosta muito do mar, o desconhecido deve ter sido um bom nadador. Só vejo essa hipótese ou, então, era para mostrar a musculatura às môças, mas não me parece que êle fôsse dêsse tipo. O homem cuidava de si e tinha cortado o cabelo havia pouco tempo. Não tinha qualquer característica especial e deve ter sido uma pessoa sossegada e de boa educação.

—Assim, o mais provável é que não se tenha afogado.

—Não, isso eu já sei com tôda a certeza. Foi espancado e assassinado com um golpe muito eficaz.

—Karatê?—perguntou Bob.

—Pelo que conheço da arte, duvido que fôsse. Os efeitos dos golpes recebidos não foram dêsse tipo, aparentemente. Todavia,



para ficar sem qualquer dúvida, irei visitar nosso amigo Nishiyama para que êle me dê sua opinião.

—Boa idéia. Tem mais alguma pista?

—Não, mas fiz várias deduções. O homem estava bem alimentado e tudo indica que fôsse uma pessoa rica. Isso, juntamente com as marcas do sol, sugere que êle tinha muito tempo disponível, o que me deu a idéia de que talvez ganhasse muito bem e só trabalhasse parte do tempo, como um diretor de cinema ou, talvez, alguém que se tivesse aposentado relativamente jovem. Isso seria possível se êle fôsse, digamos, um especialista eletrônico que tivesse tido a sorte de registrar uma ou duas boas patentes que lhe permitissem aposentar-se e viver dos direitos.

—Isso pode ser um problema—interrompeu Bob.—Se êle vivia no estrangeiro, então, é muito possível que fôsse francês, alemão ou qualquer outra coisa.

—Infelizmente, você tem razão—concordou Tibbs.—O único fato sólido com que conto é êle ter sido encontrado neste país, o que aumenta as possibilidades de se tratar de um americano. Além disso, a não ser pelas marcas do calção de banho, o seu aspecto geral não me sugeriu a idéia de um estrangeiro. Todavia, quando encontrarmos uma pista, será melhor têrmos presente que êle talvez tivesse um sotaque estrangeiro, mas de momento não podemos estar certos do que quer que seja.

—Então, só nos restam as lentes de contato, não é verdade?

—Sim. Quase tenho rezado para que apareça alguém a queixar-se do desaparecimento de um homem, para que possamos perguntar se o desaparecido usava lentes de contato. Isso ainda pode acontecer, mas duvido.

Bob Nakamura recostou-se para trás e olhou para o teto.—É óbvio que o assassino fêz todo o possível para esconder a identidade do homem. Até lhe tirou as dentaduras...

—Isso eu já sei...

—O cadáver foi jogado na piscina do clube de nudistas, visto que isso era, digamos, apropriado. O assassino talvez pensasse que o fato causaria menos comentários se êle fôsse encontrado lá.

—Não concordo—respondeu Tibbs.—Os proprietários do clube já afirmaram que não o conheciam. E, pelo menos temporàriamente, acredito no que me disseram.

—Talvez o assassino apenas desejasse que o corpo fôsse encontrado num lugar ridículo.

—Não.

—Talvez tivesse a idéia de embaraçar a gente do clube, para lhe prejudicar o negócio.

—Possível, mas duvidoso. Não se esqueça de que o assassino parece ser um verdadeiro profissional.

—Que tal esta versão: suponha que houve dois responsáveis, o que é bem possível, o assassino que deixou o corpo em qualquer outro lugar e outra pessoa, que o encontrou um pouco mais tarde...? Digamos que um homem matou o desconhecido e deixou o corpo na fazenda de outra pessoa. Essa pessoa não queria envolver-se no caso e levou o cadáver para o clube de nudistas...

—E por que razão o assassino não jogou o corpo do alto de um precipício qualquer?—perguntou Tibbs.—Esta região está cheia de penhascos e desfiladeiros. Não me parece muito difícil esconder um corpo para sempre. De resto, mesmo que êle fôsse encontrado algumas semanas depois, a identificação teria sido ainda mais difícil, muito mais difícil.

Bob tentou nôvo rumo:—Virgil, temos aqui qualquer coisa que não me parece lógica. Por um lado, ambos achamos que houve um esfôrço evidente para dificultar a identificação do cadáver. Por outro, êle foi deixado num lugar bem visível, onde seria, como foi, descoberto muito depressa.

Tibbs sorriu com uma satisfação um pouco amarga:—Isso também me deixou perplexo—confessou êle.—Tentei esquecer essa incongruência, mas não consegui e estava justamente pensando nisso quando você chegou.

—E chegou a alguma conclusão?

—Talvez.—Tibbs levantou-se e aproximou-se da janela.—Que acontece quando o corpo nu de um homem não identificado é encontrado na piscina de um clube de nudistas?

—Uma investigação policial.

—E que mais?

—Uma certa dose de publicidade—sugeriu Bob.

Tibbs voltou-se para êle.—Exatamente! Aqui, na área de Los Angeles, muita gente morre violentamente. Em acidente de tráfego e de muitas outras maneiras. A morte isolada de um desconhecido nunca ocupa grande lugar nos jornais se as circunstâncias não forem fora do comum... Em resumo, só ganham publicidade os casos que constituam uma boa história.

—E um cadáver encontrado a flutuar na piscina de um clube de nudistas pode ser considerado, com certeza, um caso fora do comum...

—Eu até diria espetacular—acrescentou Tibbs.—Na maioria dos jornais, um caso dêsses garantiria uma boa cobertura, talvez mesmo fotografias.

Bob tornou-se pensativo.—Então, segundo a sua opinião—disse êle, depois de um minuto de silêncio—temos aqui dois objetivos:



retardar a identificação do corpo tanto quanto possível e, ao mesmo tempo, dar publicidade ao caso para que qualquer pessoa, ou pessoas, viessem a saber o que aconteceu.

Tibbs sentou-se no canto da mesa de Bob.—Não vejo outra hipótese que faça sentido. O homem foi assassinado por um motivo, òbviamente. Através dos jornais, alguém é avisado do que sucedeu, alguém que sabe quem êle era e qual a razão da sua morte.

—Quando descobrirmos quem era o morto, se o descobrirmos, talvez possamos vir a saber quem é êsse alguém. Até aí, só temos as lentes de contato.

—Tem razão.—Tibbs fêz estalar os dedos e olhou para as mãos, um hábito muito seu.—Se o assassino não se tivesse esquecido das lentes, a única pista que temos, seríamos forçados a aguardar até que alguém nos procurasse com qualquer informação. Esperemos que as lentes nos ajudem.

Às duas horas dessa mesma tarde, Virgil Tibbs estacionou seu automóvel num parque adjacente à fábrica da Companhia Ótica Greenwood. Mostrou suas credenciais à recepcionista e foi levado à presença de Arthur Greenwood, o gerente de vendas, um dos três irmãos Greenwood que dirigiam a emprêsa. O Sr. Greenwood examinou cuidadosamente as pequenas lentes que Tibbs trouxera consigo e pareceu intrigado.

—Por que razão é que o senhor nos veio visitar?—perguntou êle.

—Conheço uma ótica de Pasadena—explicou Tibbs—e êles, depois de verem as lentes, disseram que talvez tivessem sido fabricadas pelos senhores.

Greenwood voltou a examinar as lentes, perguntando:—O senhor sabe alguma coisa a respeito de lentes de contato?

—Não—respondeu Tibbs.—Terei de confiar no que esteja disposto a dizer-me.

O executivo encostou-se na sua confortável poltrona e preparou-se para proferir uma palestra.—Hoje em dia, pràticamente tôdas as lentes saem de um estoque—começou êle—e raramente é necessário fabricá-las segundo receita especial. De um modo geral, temos sempre em estoque lentes de todos os tipos para os óculos convencionais e para adaptá-las a todos os tipos de armações. No caso das lentes de contato, a coisa é muito mais limitada. O número de lentes diferentes é mais restrito e, assim, o número de receitas também é menor.

—Por outras palavras, as lentes de contato não são tão variadas quanto as dos óculos normais.

—Isso mesmo. Desta forma, não vai ser fácil descobrir o que procura através destas lentes. Contudo, o senhor está com uma certa sorte: as lentes que me trouxe são de um tipo especial, um

tipo fabricado por poucas firmas. Por sorte, especializamo-nos nesse gênero de lentes, mas não fabricamos muitas.

—São muito comuns no estrangeiro?

—Sim, em alguns países, sobretudo na Europa e no Japão. Sem maior exame, não posso dizer-lhe se estas foram ou não fabricadas por nós.

—E se tivessem sido—prosseguiu Tibbs pacientemente—teria o senhor alguma possibilidade de determinar para quem foram feitas? Ou teriam elas vindo do estoque...?

Greenwood ponderou a pergunta.—Talvez pudéssemos, e digo apenas talvez, saber quem as receitou, mas normalmente os nossos registros são confidenciais.

—Poderei obter uma ordem judicial, se precisar—respondeu Virgil.—Todavia, como se trata de um assassínio e como o tempo é um elemento importante, gostaria de lhe pedir a sua inteira cooperação.

Com a consciência já tranqüila, Greenwood chamou a secretária.—Leve estas lentes para que sejam examinadas na oficina—ordenou.—Veja se conseguem descobrir para quem foram fabricadas. Se isso não fôr possível, procure saber quantas lentes semelhantes já fizemos segundo esta mesma receita.

A môça levou a caixinha com as lentes e fechou a porta atrás de si. Greenwood tentou interrogar o detetive sôbre a investigação que êle estava fazendo e os dois homens conversaram durante alguns minutos. Pouco depois, a secretária regressou, colocando sôbre a mesa a caixinha e uma fôlha de papel.

Greenwood leu a mensagem e assentiu.—Tivemos muita sorte—disse êle.—As lentes são muito especiais: um dos olhos é bem diferente do outro e isso não é muito comum. Bem, não lhe posso garantir que fomos os fabricantes dessas lentes, todavia...—o Sr. Greenwood pegou o papel e estudou-o de nôvo durante alguns segundos, procurando evidentemente obter um efeito dramático. —Na verdade, fabricamos um par de lentes exatamente iguais há menos de dois anos. Claro, não sei o nome do paciente, mas a receita veio do Dr. Nathan Shapiro. Trata-se de um médico muito conhecido na região, especialista em lentes de contato.

Virgil Tibbs sentiu um desejo quase incontrolável de se levantar e gritar de alegria. Em vez disso, ergueu-se, manifestou seus agradecimentos, elogiou a eficiência da emprêsa e dirigiu-se para o seu automóvel. Deteve-se na primeira cabina telefônica, consultou o catálogo e pôs-se a caminho.

A recepcionista do Dr. Shapiro olhou-o com certa curiosidade.—O Dr. Shapiro está muito ocupado, esta tarde—informou



ela.—Duvido que possa vê-lo.—Os muitos pacientes que aguardavam na saleta confirmaram a veracidade dessa declaração.

Tibbs tirou sua carteira do bôlso e mostrou o cartão da polícia à recepcionista. Esta examinou-o, voltou a olhar para Tibbs e disse:—Terá de esperar...

Tibbs sentou-se e, enquanto esperava, folheou diversas revistas, leu um panfleto sôbre o cuidado que se deve dar aos olhos e notou a frieza estudada da recepcionista, que fazia um esfôrço evidente para se convencer de que êle não estava ali. Algum tempo depois que o último paciente foi atendido, a môça falou em voz baixa a um telefone interno. Tibbs não conseguiu ouvir o que ela dizia, mas não precisava: sabia exatamente, sem sequer olhar os lábios dela, o que a recepcionista estava dizendo.

Dez minutos mais tarde, o Dr. Shapiro entrou na saleta. Era um homem corpulento, de rosto redondo, vestindo a habitual bata branca. Encaminhou-se para junto de Tibbs com uma brusquidão que não permitia quaisquer palavras menos diretas.

—Lamento não ter tempo para o receber—disse êle, falando àsperamente.—Sugiro que telefone para marcar hora. Isso poderá ser demorado. Raramente marco consulta com menos de trinta dias de antecedência.

—Não sou um paciente—respondeu Tibbs.—Quero vê-lo em missão oficial, num caso de investigação.

O médico olhou para a recepcionista e, quando voltou a olhar para êle, Tibbs mostrou-lhe o emblema da polícia.—Não sabia—disse o Dr. Shapiro.—Entre, então. Posso ceder-lhe alguns minutos.

Depois de compreender a situação, o Dr. Shapiro ouviu atentamente o que Tibbs lhe contou, examinou as lentes e deu instruções à recepcionista para que esta investigasse os registros. A môça assim fêz e surgiu pouco depois, dando o nome do Sr. Michael Casella, Presidente da Emprêsa Construtora Casella. O Sr. Casella sofrera uma ligeira contusão num dos olhos, o que exigira uma correção radical da sua visão.

Embora já fôsse tarde, Tibbs telefonou imediatamente para os escritórios daquela emprêsa construtora. O Sr. Casella não se encontrava presente; não fôra ao escritório nos últimos dias. Sua secretária não sabia bem onde êle se encontrava, embora pensasse que fôra visitar uma obra fora da cidade.

Lutando para conservar normal a voz, Virgil disse que iria ao escritório falar com a secretária do Sr. Casella, às nove horas da manhã seguinte. Em seguida, foi para casa a fim de gozar de um repouso bem merecido.

Exatamente às nove da manhã seguinte, Virgil Tibbs estacionou o carro no parque da Emprêsa Construtora Casella, bem em

frente de um edifício branco, onde estavam instalados os escritórios. No parque de estacionamento havia vários veículos pesados, próprios para trabalhos de construção, e alguns automóveis. Entre êstes, Virgil viu um Lincoln Continental e, ao notá-lo, franziu a testa.

O investigador apresentou-se à recepcionista-datilógrafa-telefonista e perguntou se o Sr. Casella já chegara.

Sem lhe responder, a môça fêz uma ligação e disse:—Está aqui alguém para ver o Mike.

Uma mulher de meia-idade, e muito opulenta, que parecia ser uma contadora, surgiu à porta e perguntou:—Foi o senhor quem telefonou ontem à noite?

Depois de Tibbs responder, a mulher indicou-lhe que entrasse e levou-o para uma pequena sala. Sentado a uma mesa, um homem de aspecto atlético, com uma madeixa de cabelo prêto caída sôbre a testa, estendeu a mão a Virgil e disse-lhe que se sentasse.—Não entendi bem o seu nome—disse êle.

—Tibbs. Virgil Tibbs.

—Eu sou Mike Casella, Virgil. Qual é o seu negócio?

Tibbs mostrou-lhe a sua carteira da polícia.

—Policial, hein? *O.K.!* Qual o negócio?

—Nada de negócio, apenas duas perguntas. Primeira: o senhor usa lentes de contato?

—Sim, fazem as minhas delícias. Se quiser algumas, posso indicar-lhe um médico caixa alta: Nat Shapiro. O cara sabe mesmo do negócio.

—Muito obrigado. Outra pergunta: o senhor terá perdido as suas lentes recentemente?

Casella tirou do bôlso dois charutos e ofereceu um a Tibbs, que o recusou.—Nada disso. Só tenho um par, que estou usando neste momento. Já sei que o senhor não está vendo as lentes... ninguém pode. Grande invenção. Afinal, que negócio é êsse?

O homem merecia uma resposta.—Encontramos um homem morto com lentes iguais às suas. Queríamos ter a certeza de que o senhor estava bem de saúde, nada mais.

—Bem, estou ótimo—respondeu Casella.—E a respeito daquela gurizada que estava brincando na nossa área de estacionamento. Se o senhor os pegar, mêta-lhes um bom susto e, depois, deixe-os ir embora. Não podem estragar o equipamento, mas podem machucar-se e nós teremos problema.—Calou-se por um momento e concluiu:—Obrigado pela proteção. Apareça outra vez, por volta do Natal. Gostamos sempre de manter contato com nossos amigos.

Tibbs apertou-lhe a mão e saiu. Já perto do carro, viu uma pedra no chão e chutou-a com fôrça. Furioso, verificou que lhe acertara



mal e que a pedra apenas rolara dois ou três metros para o lado, parando logo em seguida.

Sentou-se ao volante e ficou imóvel durante alguns minutos, com a frustração pairando sôbre êle como um enorme pêso de chumbo prestes a cair-lhe em cima.—Maldição!—exclamou por entre os dentes. Virgil Tibbs encontrava-se terrìvelmente irritado ao dirigir-se para o centro da cidade e para seu escritório na delegacia.

## Capítulo Sexto

Virgil Tibbs viveu as vinte e quatro horas seguintes num mundo de expectativa. Manteve uma constante e cuidadosa vigia sôbre tôdas as fontes de informação referentes a pessoas desaparecidas e estudou todos os relatórios de crimes ocorridos na esperança de descobrir qualquer vaga conexão com o cadáver da piscina. Entrou em contato com tôdas as delegacias policiais da Califórnia, Nevada e Arizona. No final de mais um dia de esfôrço concentrado, Virgil nada descobrira de nôvo.

Entretanto, na morgue de São Bernardino, o corpo do desconhecido repousava sôbre uma laje, esquecido por todos, ao que parecia, e sem qualquer pista que conduzisse a uma identificação. O que mais frustrava o detetive era o fato de não aparecer pessoa alguma interessada pelo morto. Não houve qualquer espôsa ansiosa, telefonando para falar de um marido desaparecido; não houve, também, qualquer sócio de negócios que viesse queixar-se do seu desaparecimento. O homem, fôsse êle quem fôsse, parecia ter vivido num vácuo.

As pessoas, de um modo geral, segundo Tibbs acabara de decidir, raramente se preocupavam umas com as outras. Os senhorios jamais se preocupavam com os locatários, desde que êstes pagassem os aluguéis. Os vizinhos já não se inclinavam para manterem relações de boa vizinhança. Motoristas antipatizavam com os outros que cruzavam na estrada. E, muitas vêzes, quando era cometido um crime sério, poucos eram os cidadãos que estavam dispostos a auxiliar a polícia; receavam demasiado envolverem-se no caso.

Tibbs tentou afastar da mente êsses exemplos. Quando as coisas estavam contra êle, seu cérebro parecia deliciar-se em torturá-lo, dando vida a todos os difíceis e ingratos incidentes que êle conhecera durante sua vida. Êsses incidentes passavam diante dêle como fantasmas, numa perfeita parada, que vinham assombrá-lo. Recordava, então, todos os erros que cometera no passado. Tôdas as

possibilidades de êxito que desperdiçara e as inúmeras vêzes que fôra forçado a aceitar a humilhação, que não merecia, apenas por ser um negro.

Aquela inação estava acabando com êle; teria de fazer alguma coisa. Quanto mais tempo ficasse sentado na sua sala, mais provável se tornava receber a visita do Capitão Lindholm, que lhe perguntava freqüentes vêzes quando o caso seria resolvido. Finalmente, sem sequer saber bem o que poderia ganhar com isso, Virgil sentou-se ao volante do carro, foi encher o tanque e dirigiu-se para o clube. Saiu de Pasadena, passou por Santa Anita, atravessou Azusa e, aumentando de velocidade, contornou as montanhas. O sol, obscurecido até então por uma grande nuvem, surgiu de nôvo quando êle passou em Claremont e sua disposição melhorou imediatamente.

Entrou pela estrada secundária e, dez milhas mais adiante, encontrou-se em frente do portão do Sun Valley Lodge. A corrente fôra retirada e êle não teve de se deter, dirigindo-se diretamente para o parque de estacionamento. Viu logo muitos outros carros estacionados; quando desligou o motor, Tibbs ouviu claramente risadas de crianças brincando e, também, vozes de adultos em volta da piscina.

Saiu do carro sem ter descoberto ainda qual a verdadeira razão que o levara a visitar o clube. O motivo era, por certo, ter de descobrir uma nova pista, mas não fazia a menor idéia de como a encontrar ou onde a procurar. Estava perfeitamente convencido de que os Nunn eram gente direita e de que nada lhe tinham escondido. Assim, não havia razão para os interrogar mais sèriamente do que já fizera. Só poderia perguntar-lhes se acontecera qualquer coisa de nôvo ou se haviam descoberto qualquer objeto na área do clube. Depois de lhe responderem negativamente, como iriam fazer, com certeza, êle teria de voltar a proceder a uma busca igual à anterior, esperando encontrar algo que lhe tivesse passado despercebido da primeira vez.

Já se encontrava na vereda que conduzia à casa quando Forrest apareceu para o acolher. Tibbs sentiu instantâneamente que a calorosa recepção era genuína.

—Como vai, Virgil—disse Forrest.—Desculpe tratá-lo pelo primeiro nome, mas êsse é um costume universal dos clubes de nudistas.

—Ótimo—respondeu Tibbs, notando que Forrest estava usando o mesmo calção, aparentemente o seu uniforme para receber as visitas à porta de casa.

Forrest levou o detetive para a cozinha, onde Emily estava preparando uma salada.—Bem-vindo!—exclamou ela.—Que bom tê-lo de volta. Vai almoçar conosco, não vai?



—Vai, sim—respondeu Forrest antes de Tibbs poder falar. Emily serviu-lhes café e os dois homens sentaram-se à mesa.

Tibbs queria explicar que aquela visita era oficial, não social. Abriu a bôca para dizê-lo e, depois, foi suficientemente inteligente para voltar a fechá-la. Aquela gente sabia perfeitamente que êle estava de serviço, mas mesmo assim tinham decidido tratá-lo como uma visita. Queriam mostrar-lhe que êle era uma pessoa como êles, que podia ir onde quisesse e fazer tudo o que qualquer outra pessoa fizesse. Era, para Virgil, como entrar num autêntico paraíso.

Baixou o olhar para as suas mãos côr de ébano e odiou-as.

Carole entrou na cozinha, com seu pequeno corpo tão queimado, da cabeça aos pés, que até parecia, se não fôssem seus olhos azuis, uma sua parenta distante. A caçula falou-lhe com grande entusiasmo e Tibbs, quando olhou para ela com seus olhos castanho-escuros, sentiu-se emocionado.

Forrest ajudou-o a entrar no assunto.—Já sei que quer falar conosco, Virgil, e estamos dispostos, claro, a dizer-lhe tudo o que soubermos. Se puder esperar alguns minutos, até depois do almôço, seria bem melhor. Hoje, temos muitos sócios para almoçar.

Tibbs concordou, compreendendo que, sem a menor intenção de o fazer, impusera sua presença ao almôço. Deveria ter dito que já tinha comido, mas isso teria sido pouco realista, às onze e meia da manhã, e êles até poderiam ofender-se. Só então pensou que, afinal, esta gente, sendo nudista, também já deveria ter sofrido por causa de preconceitos. Com êles, naturalmente, a coisa era voluntária, mas já deviam ter sido ridicularizados e desdenhados em público. A razão era outra, mas a verdadeira transgressão era a mesma de que o acusavam: ser diferente. Sabia que as pessoas diferentes—numa civilização em que são por vêzes ricamente recompensadas, e possuem até mesmo templos às margens do Potomac—eram mais odiadas e desprezadas justamente por causa dessa dessemelhança.

"Por que razão, perguntou Tibbs a si mesmo, o ser exatamente como tôdas as outras pessoas é considerado, tantas vêzes, como sendo uma grande virtude? O mundo depende de as pessoas serem diferentes; de outra forma, não funcionaria. Precisamos de líderes e de operários. Necessitamos de homens de negócio, artistas, engenheiros, policiais, arquitetos e pessoas dispostas a trabalhar em açougues e lixeiras. Precisamos, também, de agricultores e até mesmo de políticos. Há sempre pessoas que fazem o trabalho inspirado, intelectual... e pessoas que fazem o trabalho sujo e desagradável. Evidentemente, essas pessoas têm de ser diferentes umas das outras."

Seus pensamentos foram interrompidos pela chegada de George.

Durante um momento, Tibbs sentiu que o rapaz deveria estar usando calção na presença de sua mãe. Virgil levantou-se e, um pouco embaraçado, cumprimentou George; sua recente divagação mental deixara-o um pouco descontrolado.—Pelo amor de Deus, tire o paletó, Virgil—exclamou George.—Está muito quente, hoje, e você não precisa dessas roupas tôdas.

Foi então que Tibbs compreendeu que se sentia incomodado não só por causa da sua côr, mas também, talvez principalmente, por estar completamente vestido num local onde as roupas eram apenas funcionais.—Terei o maior prazer em me libertar do paletó—confessou êle, despindo-o e colocando-o nas costas de uma cadeira.

—Já temos trinta e quatro—informou George à mãe.—Abe e Sarah já chegaram, e Don e Pan vêm a caminho.

Emily assentiu e continuou seu trabalho.—Preparamos a comida aqui—explicou Forrest—e depois servimos a refeição na sala grande.

Tibbs olhou para Emily enquanto esta abria o enorme forno e retirava do seu interior grandes tabuleiros, cujo delicioso aroma encheu apetitosamente a cozinha. George, entretanto, colocava-os em cima de uma mesinha de rodas. Depois de os arrumar todos, exceto um, saiu da cozinha, empurrando a mesinha. Nesse momento, quando muitas donas de casa teriam parado para um descanso bem merecido, Emily limitou-se a sorrir e a dizer ao seu inesperado convidado:—Já podemos comer. George e Linda encarregam-se de servir os sócios e, em seguida, virão ter conosco. Temos todo o resto, como o pão, o sal, a pimenta e outras coisas, sempre nos armários da sala e isso poupa-nos muito trabalho.

Tibbs sentiu que devia fazer uma confissão.—Quando vim para cá, nem pensei na hora... estava preocupado com o crime. Creio que será melhor ir embora e regressar quando vocês estiverem menos ocupados.

—Que bobagem—retorquiu Emily ràpidamente.—Podemos perfeitamente falar enquanto comemos. Meu pai sempre dizia que a boa comida traz boas idéias.

Continuando a sentir-se deslocado, mas grato por aquêle simpático acolhimento, Tibbs observou a eficiência e delicadeza de Emily ao servir o almôço. Parecia fazer tudo com grande facilidade, não desperdiçando qualquer movimento. Tibbs já se preparava para se sentar à mesa quando olhou pela janela e seus pensamentos diluíram-se instantâneamente.

George e Linda aproximavam-se. Era óbvio que a môça sabia que êle estava ali; George ter-lhe-ia dito. Apesar disso, Linda caminhava ao lado do irmão, aparentemente despreocupada e totalmente nua, com exceção das sandálias que trazia nos pés.



A môça vinha a caminho da cozinha e, dentro de poucos segundos, estaria junto dêles.

Tibbs foi engolfado pela lembrança de sua origem. O imenso abismo que a antiga escravatura cavara entre sua gente e os brancos ficara-lhe tão impresso na mente durante a sua infância no Sul que a visão de uma mulher branca nua era verdadeiramente um choque muito severo para êle. O mero fato de um negro falar com uma branca, em certas circunstâncias, era muitas vêzes considerado suspeito, no Mississípi; o famoso assassínio de Till surgira de uma simples coisa como aquela,

Linda tinha dezoito anos e, conforme Tibbs notara antes, era muito esbelta. Chegara mesmo a considerá-la como um possível motivo para o crime; tais coisas aconteciam por vêzes. Linda já era uma autêntica mulher, tècnicamente maior de idade.

—Já vêm aí—disse Forrest.

Tibbs esperava ansiosamente que ela entrasse por outra porta e aparecesse com um vestidinho para o almôço. Todavia, verificou logo que isso não sucederia; ela entraria na cozinha tal e qual estava.

George abriu a porta para que sua irmã entrasse. Linda deu alguns passos para dentro da cozinha com uma tal graciosidade que Tibbs, por uma razão que não podia explicar, se recordou no mesmo instante da *Sexta Sinfonia* de Beethoven.

Era meio-dia, de um alegre e belo dia, e a môça que entrara na cozinha também era bela. Não se tratava de uma beleza artificial, produto de maquilagem, de um elaborado estilo de penteado ou da criação de um importante costureiro; era a beleza natural de uma jovem do tipo que emocionara Praxíteles e inúmeros outros artistas nos vinte e quatro séculos que se lhe seguiram.

Tibbs levantou-se automàticamente e a môça aproximou-se dêle, cumprimentando-o.—Seja bem-vindo, Sr. Tibbs. Importa-se que eu o trate por Virgil?

O negro ousou sorrir-lhe.—Se assim quiser. Não podemos ser muito formais, nas circunstâncias, não é verdade?

Linda retribuiu-lhe o sorriso e mostrou-se radiante.—Esplêndido. Veio dizer-nos que já descobriu o criminoso?

Tibbs sacudiu a cabeça.—Vim dizer-lhes que preciso da sua ajuda.

A môça reagiu como se êle tivesse afirmado que precisava apenas da ajuda dela.

—Maravilhoso. Terei o maior prazer. Depois do almôço... pode contar comigo.

Tibbs não conseguiu evitar olhar para ela com mais atenção quando Linda se voltou para ir ajudar a mãe. A simetria do seu

corpo era perfeita e suas harmoniosas curvas fizeram com que êle desejasse ardentemente ter sido um pintor.

Virgil Tibbs começou a comer, sentindo-se inteiramente deslocado. Só raramente fôra convidado para comer com brancos, e quase nunca quando em missão oficial. Além disso, nunca se encontrara em circunstâncias semelhantes. Geralmente, seu almôço limitava-se a um sanduíche e um copo de leite e, agora, receava não poder fazer justiça à opípara refeição que lhe estava sendo servida.

Para sua surprêsa, descobriu que estava com fome e a saborosa comida caseira, de um gênero que raramente provava, despertara seu apetite. Linda, sentada em frente dêle, não parava de falar de investigações e do trabalho da polícia em geral. Tibbs não sabia se isso era intencional ou não, mas a conversa punha-o mais à vontade, permitindo-lhe falar do assunto de que mais sabia; respondeu às perguntas dela com grande franqueza e todos os presentes pareceram interessar-se.

Finalmente, decidiu confiar parcialmente nos Nunn e explicou-lhes:—Tenho um problema muito sério, neste caso. Não quero que mencionem o fato a quem quer que seja, mas a verdade é que ainda não pudemos identificar o morto.

—Quer dizer que ainda ninguém se queixou do desaparecimento de um homem?—perguntou Emily.

—Exatamente. Calculem que, nesta região, que abrange três Estados, não encontramos um único indício de um desaparecido cujas características se adaptem às do cadáver. Posso dizer-lhes, agora, que o homem estava usando lentes de contato. Pensava ter descoberto uma pista, mas enganei-me... e, agora, estou no mesmo ponto em que comecei.

—Lentes de contato! Então, foi isso que você me escondeu—disse Linda.

—Uma das coisas, sim.

—Fizeram uma autópsia?—perguntou Forrest.

—Sim, mas não elucidou muito. Nada encontramos de importante. Não desejo discutir êste assunto à mesa, mas em têrmos gerais o que encontramos foi pura rotina.—Isso era tudo o que Tibbs estava disposto a dizer; não tencionava sequer mencionar a causa da morte.

Emily, vendo que êle acabara de comer, encheu-lhe de nôvo o prato de salmão assado. Tibbs protestou delicadamente e, depois, ficou agradecido, já que o salmão estava delicioso.

—Em que podemos ajudá-lo?—perguntou Forrest.

Tibbs, que estava cortando o peixe, olhou para êle.—Na verdade, não estou muito certo de que me possam ajudar. Eu poderia



fazer-lhes mil perguntas, mas só vim aqui, afinal, para ver se encontrava qualquer outra pista... alguma coisa que me tivesse escapado da primeira vez.—Depois de uma pequena pausa, o investigador prosseguiu:—Posso dizer-lhes que não espero encontrar nada de sensacional. Será qualquer indício insignificante, alguma coisa que não me pareceu importante e que não me chamou a atenção da primeira vez.

—Gostaria de lhe fazer uma pergunta—disse George.—Suponha que não encontre mesmo uma nova pista e que o homem continue sem ser identificado. Que sucederá, então?

Tibbs levou à bôca o copo que tinha diante de si e saboreou com grande prazer o chá gelado que Emily lhe servira.—Por se tratar de um crime de morte—explicou êle—o caso continuaria tècnicamente aberto. Isso sucede com todos os assassínios até que sejam solucionados. Todavia, se não me aparecer qualquer indício, terei de me dedicar a outro caso qualquer. Como devem imaginar, temos sempre novos problemas à nossa frente. Depois, dentro de algumas semanas, ou mesmo de um ano, talvez surgisse nôvo indício e, então, eu voltaria ao caso.

—Mas se não aparecer?—insistiu George.

—Nesse caso, o assassino não seria descoberto e ficaria em liberdade. Isso sucede muitas vêzes. Não gosto de confessá-lo, mas sucede mesmo.

—Eu quero que o homem que matou o desconhecido da nossa piscina seja prêso—disse Linda.—Não posso suportar a idéia de ter feito o que fêz e ficar impune.

—Para eu o pegar—respondeu Tibbs—preciso de tôda a ajuda que vocês me puderem dar.

—Então, temos de tentar recordar todos os mais ínfimos detalhes e procurar dar-lhe tôda a espécie de informações, por mais vagas e remotas que sejam—disse Forrest.—Teremos de o fazer, mesmo que não estejamos muito certos do que dizemos.

Virgil acabou de beber o chá gelado e Linda voltou imediatamente a encher-lhe o copo. Com a sua proximidade, o detetive encostou-se para trás, de nôvo muito consciente da nudez da môça.

—Não será fácil—disse êle, depois de Linda voltar para o seu lugar—mas vamos tentar.

—Por onde quer começar?—perguntou Emily.

Falando outra vez no seu tom de voz profissional, Virgil Tibbs, meio pensativo, respondeu-lhe:—Comecemos pelo aspecto que vocês conhecem melhor—propôs êle.—Tenho agido na suposição de que êste caso não tem qualquer relação com o clube e de que o cadáver foi encontrado na piscina mais ou menos por coincidência.

O detetive calou-se por um momento, aparentemente sem en-

contrar palavras para explicar o que tinha em mente.—Aceitei essa idéia por não querer, se me fôsse possível, prejudicar o clube ou a sua boa reputação. Compreendo perfeitamente que deve ter sido muito duro criar uma boa clientela para êste tipo de clube, bem como ganhar a aceitação da comunidade.

Forrest cruzou as pernas e recostou-se para trás.—De certa forma, sim—reconheceu êle—mas não é tão difícil como você poderá pensar. Temos sempre muitos pedidos. Já há muita gente que começa a compreender, por exemplo, que as crianças que freqüentaram um clube de nudistas têm sempre uma atitude saudável e natural para com os seus corpos. Não ficam com frustrações e inibições para o resto da vida.

Forrest olhou para a espôsa e sorriu.—Eu poderia dizer-lhe muito mais coisas. Por exemplo, as famílias nudistas têm um índice de divórcio mais baixo do que o resto da população. Contudo, isso não é o que nos interessa, de momento. Se existe qualquer relação entre o clube e êste caso, pode ficar certo de que nós faremos todo o possível para ajudar. É muito melhor solucionar isto de uma vez do que ficarmos permanentemente com o caso pairando sôbre nós.

Pelo seu tom de voz, Tibbs acreditou inteiramente nas suas palavras. Parecia certo que nenhum dos membros da família iria tentar esconder qualquer informação, a não ser que, claro, também fôsse culpado, e essa era uma possibilidade que êle não abandonaria por completo.

—Perfeitamente, então—disse êle—comecemos com a idéia de que o morto não era nudista, pelo simples fato de ter marcas de calção de banho.—Tibbs olhou para Linda e perdeu um pouco da sua seriedade.—Enfim, por êle ser um perfeito inibido.

Linda assentiu. A môça apoiara os cotovelos sôbre a mesa e olhava para o detetive com o queixo entre as mãos. Nessa posição, seu busto estava parcialmente coberto e Tibbs notou, embaraçado, que êsse fato lhe fazia, inconsciente e automàticamente, prestar mais atenção àquela parte do corpo de Linda.

Todavia, voltou ràpidamente à lógica do caso.—Não será verdade que qualquer nudista teve de começar um dia?—perguntou êle.—Por certo, nem todos seus sócios começaram a ser nudistas quando crianças.

—Tem razão—concordou Emily.—Apenas uma pequena percentagem dos nudistas atuais começou em criança.

—Então, não será possível que o desconhecido tivesse resolvido tornar-se nudista ou já o fôsse um ou dois dias antes de ser assassinado?

Linda interferiu imediatamente:—Posso responder a essa segun-



da parte. Tenho a certeza de que êle não praticou o nudismo durante todo êste verão. Se o tivesse feito, não teria aquelas marcas. Claro, poderia ter passado um dia num clube qualquer, num dia sem sol, mas não é provável. A verdade é que o sol, por mais fraco que fôsse, tê-lo-ia queimado um pouco. E êle estava demasiado branco para isso.

—Não se teria queimado se se tratasse de um dia sem sol, embora de temperatura agradável, não é?—perguntou Tibbs.—Tem havido muitos dêsses dias, mas a verdade—acrescentou, olhando para os seus escuros dedos—é que não sou a pessoa indicada para falar do assunto.

Forrest entendeu logo a referência e tomou a palavra:—Uma pessoa com a pele muito clara, como a que êle tinha, pode queimar-se severamente mesmo num dia de nuvens. Todo o nudista experiente sabe disso. Acontece sempre aos principiantes, embora os avisemos.

—Papai tem razão—falou George, assentindo.

Tibbs prosseguiu:—Então, êle não era nudista, pelo menos recentemente. Mas haverá qualquer razão para que êle não tenha planejado começar a sê-lo? É evidente, pelo tom do resto da sua pele, que gostava de viver ao ar livre.

—Não há dúvida de que isso é uma possibilidade—disse George. —Infelizmente, até agora apenas uma pequena percentagem de gente decidiu tornar-se nudista, mas o número está aumentando gradualmente. O homem pertencia a uma camada superior, creio, e isso aumenta a possibilidade, visto que é êsse tipo de gente que se interessa mais por nós.

Tibbs olhou para Forrest, que fêz um gesto afirmativo.—Trata-se de um fato comprovado—afirmou—embora algumas pessoas duvidem.

—É possível, por conseguinte, que êle viesse para cá quando foi assassinado. É até possível que tenha chegado e sido morto antes de se anunciar.

—Não creio—disse Carole.

Emily voltou-se para a caçula, sorriu e, depois, levou um dedo aos lábios para indicar que ela não devia falar.

Tibbs olhou para a mocinha, que estava à sua esquerda.—E por que não, Carole?—perguntou êle.

—Por êle não ter reserva. Se era um homem inteligente, rico e tudo o mais, não iria a nenhum lugar onde não tivesse reserva.— A caçula falara num tom de grande indignação; não gostava de que a mandassem calar quando tinha uma boa idéia.

Tibbs levou a mão à testa.—Estou muito envergonhado de mim mesmo—disse êle.—Nunca tinha pensado nisso. Eu estava bastante

certo, por causa do tom bronzeado da sua pele e pela falta de registro de impressões digitais no país, de que êle veio do estrangeiro, mas não me foi possível verificar os registros das companhias aéreas por não ter a menor pista que me ajudasse. Devo dizer que me esqueci completamente dessa questão das reservas.

—Ajudei?—perguntou Carole.

—Claro que ajudou. Você é uma mocinha maravilhosa. Que posso eu dar-lhe?

Como pensara muito no detetive negro desde que êle viera, da primeira vez, Carole já tinha uma resposta na ponta da língua.

—Quero uma carona no carro da polícia—anunciou ela.—Com a sirene e tudo.

Tibbs sorriu e levantou-se ràpidamente.—Tenho de me ir embora—disse.—Graças a Deus que já tenho trabalho a fazer. Muito obrigado pelo almôço, raramente como tão bem. Obrigado também pela cooperação, a você especialmente, Carole, e prometo não esquecer o que pediu.

—Estou com ciúmes—disse Linda, sorrindo para mostrar que estava a brincar.

Tibbs olhou para ela, já mais habituado à ausência de roupas no seu esbelto corpo.—Você nunca terá necessidade de ter ciúmes de quem quer que seja—declarou êle sem a menor ênfase. O detetive vestiu o paletó e saiu da cozinha.

Linda ficou a olhar, enquanto êle atravessava o gramado em direção ao carro.—Sabem?—disse ela.—Êle é um homem e tanto.

—Sim, gosto dêle—respondeu Forrest.—É muito bem-educado e inteligente.

—A môça que o apanhar vai ter muita sorte—murmurou Linda, pensativa.

A mãe olhou-a ràpidamente, um pouco surpreendida e, ao mesmo tempo, algo preocupada. Embora Linda não estivesse olhando para ela, sentiu a reação da mãe e compreendeu-a.—Suponho que êle prefere uma môça de côr, mas elas também querem homens bem-educados e inteligentes, não querem?

Emily Nunn ficou mais aliviada.—Tenho a certeza de que querem—concordou ela.

## Capítulo Sétimo

Quando Virgil Tibbs entrou na sua sala, cêrca das três horas da tarde, Bob Nakamura olhou para o rosto do companheiro e viu logo que êle tinha alguma novidade.

—Identificou o corpo?—perguntou.



—Não—respondeu Virgil—mas tenho um ângulo para tentar, talvez dê resultado. Você está muito ocupado?

Bob encostou-se para trás, pôs as mãos atrás da cabeça e sorriu.

—Vá, diga o que quer—convidou êle.

—Quero localizar todos os hotéis ou clubes onde um homem chegado do estrangeiro na última semana, ou há dez dias, pudesse ter uma reserva, não se tendo apresentado para ocupar o quarto. Ou, então, em que hotel ou clube êle se registrou e, depois, desapareceu. A primeira hipótese é a melhor, visto que se se tivesse registrado, desaparecendo e deixando a bagagem sem pagar a conta, nós já teríamos ouvido falar disso.

—Boa idéia—concordou Bob—mas vai ser pior do que percorrer tôdas as casas de penhôres: temos demasiados lugares por aqui onde êle poderia ter reservado um quarto. Quantos hotéis e motéis pensa você que existem só em Los Angeles?

—Já sei que vai ser difícil—respondeu Tibbs—mas a lista acabará por ter fim, especialmente se eliminarmos os hóteis de segunda e terceira categoria.

—Tenciona investigar todos os lugares de Los Angeles ou também do resto da região?

Tibbs deixou-se cair pesadamente sôbre a sua cadeira.—Vou procurar em tôda a região e pedir a cooperação de tôdas as delegacias entre Pasadena e Palmdale. Vou pedir-lhes que investiguem todos os lugares onde um homem de meios poderia ter reservado um quarto. Eu mesmo vou começar pelos melhores hotéis, como o Beverly Hilton e outros semelhantes que aparecem nos folhetos das agências de viagem. Todavia, não sei se êle era estrangeiro. Talvez conhecesse bem a região e tivesse um lugar favorito de menos categoria onde costumasse ficar. Pelo que vi dêle, isso parece-me bem possível.

—Será como agulha em palheiro—comentou Bob.

—Bem sei, mas pelo menos trata-se de apenas um palheiro. Quer ajudar-me?

A expressão benevolente de Bob desapareceu-lhe do rosto.—Se você pede...

Apesar do calor daquele comêço de verão, o ar das montanhas de São Bernardino era muito cortante e estava repleto do sutil aroma das muitas plantas que se agitavam ao sabor da brisa, àquela altitude de quase dois mil metros. Ali, naquele planalto, mais além da primeira cordilheira, o tempo movia-se com menos urgência. As estradas eram menos amplas e as curvas serpenteavam com dignidade pela encosta, não permitindo velocidades maiores

do que 50 km horários. A vertiginosa ânsia das auto-estradas não existia no planalto; os poucos edifícios que se erguiam entre as árvores eram principalmente residências familiares, com um ou outro hotel ou clube de maiores dimensões, dedicado à vida aprazível de uma área semi-rural que fôra escolhida como centro de férias. Contudo, apesar da aparência de um mundo mais calmo, a região estava bem equipada com comunicações modernas, linhas e cabos de distribuição de energia, e mesmo certos estabelecimentos militares de defesa e de contrôle de tráfego aéreo.

Uma das coisas mais agradáveis para quem viajava por uma das estradas que atravessavam aquelas florestas era o fato de ser possível ouvir os pássaros cantar. O vento era quase inexistente e os sons da natureza penetravam com facilidade na atmosfera mecânica de um automóvel. O policial Richard Mooney notou tudo isso e respirou fundo com grande prazer. Seu uniforme da Patrulha Rodoviária da Califórnia, que irradiava uma grande autoridade, emprestava-lhe um aspecto impressionante. O carro da patrulha que estava dirigindo funcionava perfeitamente e parecia, como êle mesmo, totalmente de acôrdo com aquêle dia perfeito. Apesar de seu uniforme ser um pouco quente e de seus pés não se sentirem muito confortáveis, em virtude das pesadas botas que faziam parte do uniforme, o homem sentia-se muito repousado e satisfeito.

Estava fazendo uma patrulha de rotina que não oferecia quaisquer problemas. Gostava do seu trabalho e, embora o salário fôsse menor do que devia ser, êle era suficientemente humano para apreciar a autoridade do uniforme, bem como o sentido de ser membro de um grupo de elite. Tratava-se de um homem amigável e franco, mas mantinha sempre uma distância muito cuidadosa entre si e os outros, de forma a que sua posição, como parte do longo braço da lei, não se comprometesse.

O policial de patrulha Richard Mooney já parara em oito lugares, sempre sem o menor sucesso. Não estava muito desapontado, visto que nada esperara. No trabalho policial, sabia-o bem, era necessário perder muito tempo e desperdiçar esforços em vão. Sabia também que aquêles trabalhos de investigação eram parte da sua responsabilidade e que não podia fugir a êles.

Um pouco mais adiante, parou de nôvo, desta vez em frente de um hotel mais luxuoso. Saiu do carro, fechou a porta com a chave e entrou no hotel. Pouco depois, voltava a sair: o resultado fôra negativo, uma vez mais. Anotou o nome do hotel no seu livro de serviço, entrou no carro e, minutos depois, encontrava-se de nôvo na estrada.

Cêrca de um quilômetro mais adiante, o policial deteve-se frente ao hotel seguinte, pequeno, mas limpo e atraente. O jardim, ladeado por altos e elegantes pinheiros, criava uma atmosfera muito agradável em volta do pequeno edifício. Richard Mooney, que não vivia naquela região, decidiu que aquêle seria o lugar ideal para passar umas férias. Agradaria, por certo, a sua espôsa, Elaine. Não havia dúvida de que, pelo menos por fora, o hotel era do tipo que ela gostava. Saiu do carro, como já fizera tantas vêzes durante o dia, e encaminhou-se para a porta.



Foi recebido por uma simpática môça que estava sentada a uma mesa, por detrás do balcão da recepção, e que se levantara ao vê-lo chegar. A môça adequava-se perfeitamente ao ambiente do hotel. Estava vestida com grande simplicidade e quase não usava maquilagem. Seu cabelo castanho-claro tinha um aspecto natural e sugeria que tudo o que tinha a fazer para cuidar dêle era penteá-lo pela manhã, não voltando a preocupar-se durante todo o dia.

O policial cumprimentou a môça e falou-lhe num tom de voz que parecia querer indicar que aquela era uma visita oficial, em serviço de polícia, mas não necessàriamente desagradável.

—Bom dia, senhorita—disse êle, sem grande formalidade.—Estou fazendo uma investigação de rotina em tôda esta região.

—Será que criamos algum problema?—perguntou a môça.

—Que eu saiba, não—tranqüilizou-a êle.—Só desejava fazer-lhe algumas perguntas sôbre as reservas feitas pelos hóspedes do hotel. Penso que êste hotel aceita reservas, não é assim?

—Sim, aceitamos—respondeu ela.—A maioria dos nossos hóspedes, pelo menos durante a temporada, só vem com reserva. Alguns dêles até fazem suas reservas um ano antes.

Richard Mooney acenou com a cabeça, indicando que compreendera bem a explicação e perguntou:

—Poderá dizer-me se, nas últimas duas semanas, algum dos seus hóspedes que tivesse reserva deixou de aparecer? Estou interessado, em especial, num homem de cêrca de cinqüenta anos, que talvez tivesse vindo do estrangeiro.

A môça sacudiu a cabeça.—Não—respondeu ela.—Todos os nossos clientes que tinham reserva já estão aqui, a não ser os Hacketts, que telefonaram para cancelar o apartamento. São ambos jovens, com menos de trinta anos...

O policial escreveu o nome do hotel no seu livro e disse:

—Muito obrigado. Não creio que isso me ajude muito.

Em virtude dos modos do policial terem sido agradáveis e por querer retribuir-lhe essa amabilidade, a môça acompanhou-o até à porta, dizendo:

—Êste hotel é muito tranqüilo. Nossos hóspedes, na sua maioria,

vêm todos os anos. Geralmente, não são do tipo que possam criar problemas.

A ansiedade na voz da môça fêz com que Richard Mooney a tranqüilizasse:

—Não se trata disso. Estamos apenas procurando uma pessoa que desapareceu.

Claro, o policial não dissera tôda a verdade, mas era bem mais fácil dar aquela simples explicação.

A môça encolheu ligeiramente os ombros, indicando que o assunto não a preocupava grandemente.—Bem, os hóspedes com reserva estão todos aqui, menos os Hacketts, conforme lhe disse, e o tio Albert, que só aparece de vez em quando e de quem nunca temos reserva antecipada.

—Muito obrigado—concluiu o policial, voltando para seu carro. Já estava no fim do dia e resolveu voltar para a cidade.

Seu relatório foi muito breve:—Nada.

Aquela fôra a resposta esperada e o policial de serviço assentiu, nada dizendo. Richard Mooney retirou a fôlha de seu livro de serviço e preparou-se para ir para casa.

—O resultado das outras patrulhas foi igual—informou-o o outro policial. Isso também era esperado e a conversa teria acabado ali se o policial de serviço não tivesse acrescentado:—Nada, nem uma migalha...

Essas poucas palavras, quando Richard Mooney já se despedia, despertaram algo na sua memória e fizeram com que êle dissesse:

—A môça do Hotel Pine Shadows disse qualquer coisa sôbre um tio que visita o hotel de vez em quando, mas que não tem dia certo de chegada.

Depois de ditas essas palavras, o policial sentiu que aquela informação o deixava de consciência mais tranqüila.

Mais tarde, o policial de serviço entrou em contato com Pasadena, informando:—Investigamos tôda a região e o resultado foi negativo.—Quase decidiu não transmitir a última informação dada por Richard Mooney, muito vaga e que representaria, por certo, mais trabalho para alguém. Todavia, como se orgulhava da eficiência da sua unidade, acrescentou:—Temos um hotel que *talvez* esteja esperando alguém com as características do desaparecido, mas êsse alguém não tem reserva certa.

—Muito obrigado...

O relatório, incluindo aquêle vago comentário, foi transmitido a Bob Nakamura, que estava coordenando tôdas as informações recebidas, a pedido de Tibbs. Quando êste regressou, já de noite, cansado pelas visitas que êle próprio fizera a vários hotéis, Bob esperava-o para pô-lo ao corrente dos fatos.



—As patrulhas já regressaram—informou êle.—Tudo negativo. Um dos pequenos hotéis de montanha está esperando alguém que se adapta à nossa descrição, mas sem dia certo de chegada.

—Do estrangeiro?—perguntou Tibbs.

—Parece-me que sim, mas a verdade é que não me deram pormenores.

—Como se chama êsse hotel?

Na fresca da manhã seguinte, a môça sentou-se calmamente à sua pequena mesa, junto à janela entreaberta, registrando cuidadosamente num livro as despesas da semana. O vento, muito leve, sacudia os ramos dos pinheiros, ao alto, apenas o suficiente para criar uma sensação de movimento naquele mundo estático. Com grande cuidado e eficiência, a môça ia separando as faturas que tinha à sua frente; depois de cada fatura registrada, colocava-a num outro monte, de forma a mantê-las em seqüência. Quando a campainha da porta se fêz ouvir, a môça acabou de registrar uma fatura e, depois, levantou-se para atender o visitante.

Ao sair do seu pequeno escritório, já na sala de entrada, viu que o recém-chegado era um negro. Pensou imediatamente que fôsse algum homem procurando trabalho. Todavia, vendo que êle estava bem vestido e não sabendo ao certo o que êle desejava, a môça colocou-se detrás do balcão e disse "Bom dia" num tom de voz cortês, mas bastante retraído.

—Bom dia—respondeu o negro, revelando logo com essas duas palavras que se tratava de um homem bem-educado.—Não vi o letreiro do hotel, lá fora, mas êste é o Hotel Pine Shadows, não é?

Era evidente, por conseguinte, que êle não estava procurando trabalho.—É, sim—respondeu ela.—Peço desculpa pelo letreiro. Aparentemente, um carro chocou-se contra êle, ontem à noite. O letreiro estava colocado num suporte, junto do portão, e ainda não tivemos tempo para substituí-lo.

O negro tirou do bôlso sua carteira, extraiu do interior um pequeno cartão branco e entregou-o à môça. Esta examinou-o e raciocinou ràpidamente. Aquêle homem pertencia ao Departamento de Polícia de Pasadena, mas Pasadena estava a muitos quilômetros de distância. Só o xerife da região é que se poderia ocupar de qualquer problema em que o hotel estivesse envolvido. Assim, a môça pensou que o negro estivesse recolhendo donativos para qualquer organização de caridade da polícia. Se assim fôsse, porém, a polícia de Pasadena estava agindo muito longe da sua área. Ocorreu-lhe também que haviam enviado um negro deliberadamente, para tornar mais difícil a recusa do donativo. As contas da semana,

que estivera fazendo, haviam-lhe dado uma boa visão das finanças do hotel; a môça decidiu que lhe daria um dólar e nada mais.

—Em que posso ajudá-lo, Sr. Tibbs?—perguntou ela, o mais cortêsmente que lhe foi possível.

—Gostaria de lhe fazer algumas perguntas, se me permite—respondeu êle.—Para começar, como se chama?

Ao ouvir aquelas palavras, a môça tornou-se um pouco mais tensa. Sua dedução fôra errada, não havia dúvida, e ela já não sabia o que esperar. Na realidade, era uma môça que gostava de fazer tudo muito calmamente, com grande ordem e método.

—O meu nome é Ellen Boardman—foi tudo o que respondeu, não adiantando qualquer outra informação, já que êle só lhe perguntara o nome.

Tibbs olhou ràpidamente para a mão esquerda da môça, na qual não viu qualquer espécie de anel.—É funcionária do hotel, Sr.ta Boardman?—O policial falara num tom muito cortês, mas ela não gostara da pergunta. Tratava-se de uma invasão da sua vida privada, que ela preferia guardar só para si.

—De certo modo, isso é verdade. Meus pais são os donos do hotel. Estou dirigindo tudo na ausência dêles.

Tibbs sentiu um certo retraimento na môça, que se refletia principalmente pela frieza do seu tom de voz.

—Sr.ta Boardman, o caso que estou investigando, atualmente, é bastante sério. A possibilidade de que êste hotel esteja de qualquer modo relacionado com o caso é muito remota, mas existe.

A primeira reação da môça foi quase automática: se o caso era tão sério, por que motivo haviam enviado um negro? Só depois é que recebeu o impacto das palavras de Tibbs e, então, ficou um pouco assustada.

—Que aconteceu?—perguntou ela.—Meus pais sofreram algum acidente?—A voz da môça perdera a calma e tornara-se mais nervosa.—Diga-me, diga-me se houve um acidente...

—Não creio que êste caso tenha qualquer relação com seus pais —respondeu Tibbs, calando-se por um momento para que a môça pudesse acalmar-se.

Ellen Boardman respirou fundo e, encostando-se ao balcão, tentou dominar-se. Passados alguns instantes, voltou a olhar para Tibbs como se lhe indicasse que podia prosseguir.

—Creio que, ontem, um policial de patrulha estêve aqui, durante a tarde, fazendo-lhe perguntas sôbre quaisquer reservas que tivessem sido canceladas ou sôbre hóspedes que não tivessem chegado no dia marcado. Êsse policial mencionou qualquer coisa sôbre um parente seu...

A môça compreendeu imediatamente a relação com a visita da



véspera, envergonhando-se por não ter pensado antes naquela hipótese e por já ter falado demasiado. Mais segura de si, agora, passou a mão pelo cabelo, que lhe caía para o rosto, e respondeu:

—Lamento muitíssimo e espero que o senhor não tenha vindo de tão longe só por causa disso.

—Gostaria que me falasse mais dêsse seu parente—disse Tibbs.

Ellen Boardman retraíra-se de nôvo, mas já não podia recuar, sentindo-se obrigada a responder, embora aborrecida consigo mesma pela indiscrição:

—Referia-me ao meu tio Albert. Trata-se do irmão de minha mãe. Está aposentado e prefere passar a maior parte do tempo no estrangeiro. Costuma vir visitar-nos no verão.

—Que idade tem?—perguntou Tibbs.

—Cinqüenta e dois.

—Poderá descrever-me seu tio?

A môça, de nôvo um pouco preocupada, pensou bem antes de responder:

—Tem cêrca de um metro e setenta e cinco de altura. Pode-se dizer que é um homem corpulento, não gordo, isso não, mas sólido. Deve pesar um pouco mais de oitenta quilos, mas não estou certa. Já não o vejo há um ano...

Tibbs assentiu, perguntando:—Poderá dizer-me alguma coisa sôbre seus olhos, sua vista?

—Sim, êle usa óculos—respondeu ela.—Já usa óculos há quatro anos. Na verdade, só sofre de um ôlho. Teve um acidente num laboratório há alguns anos.—Depois, a môça hesitou durante um breve momento, logo acrescentando:—É possível que, agora, não esteja usando óculos. Êle escreveu-nos há alguns meses, dizendo que estava tentando lentes de contato e, aparentemente, essas lentes agradavam-lhe.

—Quando é que o esperavam?—perguntou Tibbs.

—Não sei. É seu hábito aparecer no verão, mais ou menos por esta época, mas nunca em data certa. Escreveu-nos para dizer que tinha de ir à Inglaterra, mas que estaria aqui a tempo para a reunião dos diretores de nossa emprêsa.

—E quando é essa reunião?

A môça olhou para uma agenda que estava em cima do balcão e respondeu:—Dentro de três semanas.—Falara quase involuntàriamente e só depois compreendera que aquêle homem lhe fizera uma pergunta específica sôbre a vista do tio. Insegura, formulou uma pergunta que poderia ter uma resposta terrível.

—Aconteceu alguma coisa ao meu tio?

—Antes de lhe responder—disse Tibbs—gostaria de ver um retrato dêle. Será que tem algum aqui, no hotel?

Ellen teve a consciência de que o policial não lhe quisera responder sem estar certo do que dizia e, olhando ansiosamente para êle, respondeu:

—Só tenho algumas fotografias que eu mesma tirei há um ano...

Tibbs assentiu e a môça afastou-se ràpidamente, indo até ao seu quarto. Não perdeu muito tempo a procurar as fotografias; no quarto, tudo estava muito bem arrumado. Voltou, dois minutos depois, trazendo consigo as fotos. Seus dedos tremiam quando as entregou ao policial.

Tibbs olhou para uma delas e propôs à môça que se sentasse.

Quase inconscientemente, ela contornou o balcão e foi sentar-se numa das poucas cadeiras que se encontravam na sala de entrada.

Depois de a ver sentada, Tibbs foi colocar-se a pouca distância dela. Em seguida, sem que a expressão do seu rosto revelasse o que quer que fôsse, examinou atentamente cada uma das fotos, tôdas muito nítidas. Quando acabou, Tibbs pôs de lado as fotos e, nesse momento, não sabia bem como, Ellen Boardman compreendeu que ia receber uma notícia trágica. Preparando-se para o pior, a môça tentou acalmar-se e preparar-se para o que aquêle policial ia lhe dizer.

Ela preferiu receber a notícia em duas etapas.

—Meu tio já não vem, não é verdade?—perguntou ela, falando com uma grande calma aparente.

Tibbs, compreendendo o que ia na alma da môça, sacudiu ligeiramente a cabeça e disse:—Creio que não.—Depois, aguardou que ela voltasse a falar, disposto a dar-lhe o tempo de que precisasse para se dominar.

Ellen voltou a respirar fundo e fechou os olhos.—Meu tio sofreu um acidente e morreu... não é?

A môça falara de uma maneira quase impessoal, como se declarasse um fato inevitável. Tibbs não lhe respondeu imediatamente e, passados alguns segundos, Ellen soube que não se enganara.

Todavia, ainda não apreendera bem o que aquilo significava. Sentiu uma espécie de compreensão no homem que estava ali sentado diante dela. Percebeu, também, que êle desejava aproximar-se e dar-lhe a mão, para lhe oferecer a sua fôrça, mas que não o fazia por estar consciente da sua raça...

Quando sentiu que já passara um tempo suficiente, Tibbs voltou a falar:

—Tenho mais uma coisa a dizer-lhe, uma coisa que não será fácil de aceitar. Quer que lhe diga agora, ou mais tarde?

Ellen Boardman olhou-o bem de frente, respondendo:—Agora.

Tibbs também olhou para ela e falou-lhe lentamente, sem desviar o olhar:



—É possível que eu esteja enganado, mas não o creio. Não lhe posso garantir, mas devo dizer-lhe que, na minha opinião, êle foi assassinado.

Só então é que a môça compreendeu tudo.

—É por isso que o senhor está aqui...

Tibbs assentiu.

—Sabe quem é o assassino?—perguntou ela.

—Ainda não—respondeu o policial.—Mas se me quiser ajudar, farei tudo para o descobrir...

## Capítulo Oitavo

Depois de um breve intervalo, Tibbs levantou-se e perguntou:

—Permite-me que use o telefone?

A môça fêz um gesto afirmativo e o policial discou um número no telefone que se encontrava sôbre o balcão. Poucos segundos depois, estava falando com Bob Nakamura:

—Já encontrei o que queria—informou êle.—Vou tentar obter mais alguns pormenores e, depois, vou para o escritório.

Tibbs desligou e voltou-se para Ellen, dizendo:

—Sr.ta Boardman, compreendo perfeitamente o que sente e não desejo incomodá-la mais, numa ocasião tão triste quanto esta. Todavia, isto é muito importante e preciso lhe fazer algumas perguntas, logo que se sinta melhor, compreende?

Ellen Boardman, quase em transe, olhava pela janela, nada vendo. Depois, com os olhos cheios de lágrimas, mas perfeitamente calma, voltou-se para Tibbs:—Dir-lhe-ei tudo o que quiser dentro de alguns minutos, mas antes, se me permite, quero telefonar a meu pai para que êle dê a notícia a minha mãe. E, também, gostaria de pensar um pouco sòzinha. Depois disso, pode contar inteiramente comigo.

—Talvez deseje esperar até que seja feita uma identificação formal. É possível que eu esteja enganado.

Ellen examinou-o durante alguns segundos e, em seguida, perguntou-lhe:

—E o senhor acha que está enganado?

—Não, não creio ter-me enganado.

Depois de responder, Tibbs levantou-se e deu alguns passos em direção à porta.

—Faça o favor de se sentar, eu não vou demorar muito.

—Se me permite—respondeu Tibbs—prefiro ir um pouco lá para fora. O jardim parece muito agradável e eu gostaria de visitá-lo.

O policial saiu para o jardim e Ellen levantou-se, dirigindo-se para o telefone. Tinha de dar a triste notícia a seu pai e desejava fazê-lo o mais depressa possível. Alguns minutos depois, tendo-se já desempenhado daquela desagradável missão, a môça desligou e limpou ràpidamente os olhos. Voltou ao seu quarto, arrumou as fotografias e olhou para o relógio. Dez minutos para o meio-dia. Aliviada por ter qualquer coisa a fazer, Ellen encaminhou-se para a pequena cozinha, que era usada apenas para as refeições da família, e começou a preparar o almôço. Depois, pôs a mesa para dois.

Enquanto cortava os tomates em tiras, para a salada, pensava no seu tio Albert. Agora que êle desaparecera, pouco podia fazer por êle. Poderia rezar e, também, ajudar a polícia a encontrar o responsável pela sua morte. Não compreendia bem a razão de lhe terem enviado um negro, mas a verdade era que, refletiu ela, as velhas diferenças estavam desaparecendo ràpidamente e era bem possível que ela estivesse atrasada quanto àquelas questões raciais.

Lá fora, o dia estava muito belo. Algures, na vizinhança, ouvia-se um martelar contínuo; era um som de vida que continuava, um som de alguma coisa que estava a ser realizada... Ellen acabou de fazer a salada e voltou para a entrada do hotel, mas não viu o policial. Saiu para o jardim e só então percebeu que fôra êle o responsável pelo martelar. Tibbs encontrava-se junto do portão e acabara de substituir o letreiro que fôra derrubado. Depois do serviço feito, o policial foi guardar o martelo na mala do seu carro. Ellen aproximou-se e disse:

—Isso foi muito simpático da sua parte. Economizou-me o trabalho e eu não sou muito habilidosa nesse tipo de coisas.

—Não tem de agradecer—respondeu Tibbs.—Foi um prazer, mas gostaria de lavar as mãos... é possível?

—Claro, e depois podemos almoçar. Não tenho grande coisa para lhe oferecer, mas poderemos falar.

Ellen indicou-lhe onde se encontrava o banheiro e Tibbs, depois de lavar as mãos, foi ter com ela à pequena cozinha. Aceitou o almôço sem qualquer comentário e, antes de falar, aguardou até sentir que Ellen já estava disposta a contar-lhe o que sabia.

—Se já se sente melhor—começou êle—gostaria de lhe fazer algumas perguntas sôbre seu tio. Parece-me melhor começarmos pelo nome.

Ellen assentiu.—Chama-se... chamava-se Albert Roussel. *Dr.* Albert Roussel—acrescentou ela, com certa ênfase.

—Médico?

—Não, era um cientista, um químico. Tio Albert estudou química na universidade e, como era muito bom, ganhou uma bôlsa



de estudos. Depois, foi contratado por uma emprêsa que se especializa em pesquisa avançada. Ficou com essa emprêsa durante vários anos, trabalhando também em casa. Sua especialidade era a fotografia e ocupava-se principalmente da química de filmes e coisas assim... Mais tarde, descobriu uma coisa...—Ellen calou-se e sacudiu a cabeça.—Creio que me estou adiantando demais...

A môça permaneceu em silêncio durante alguns minutos e, enquanto se concentrava, serviu uma xícara de chá a Tibbs. Depois, prosseguiu:

—Meu tio, ainda quando estava na universidade, conheceu uma môça chamada Joyce Bachelor. Pelo que me disseram, não creio que ela fôsse uma môça muito notável. Parece-me que essa Joyce só pensava em si mesma e em nada mais.

Ellen fêz nova pausa, mas Tibbs nada disse.

—Contudo, nesse tempo, tio Albert interessou-se muito por ela. Saíram juntos durante algum tempo, mesmo depois de terminar o curso. Mas, segundo me disseram, essa mulher só casaria com um homem que tivesse muito dinheiro ou que encontrasse uma forma de o ganhar muito ràpidamente. Parece-me que ela gostava do tio Albert, mas não o via como um futuro milionário e resolveu acabar com tudo.

Aquela narrativa parecia estar aliviando o espírito de Ellen. A môça continuou a falar, agora num tom quase impessoal e bem mais calmo.

—Bem, essa mulher conseguiu o que queria. Encontrou um homem mais velho que tinha todo o dinheiro que ela queria. Casou com êle. Passados alguns anos, o marido morreu durante um jôgo de tênis e Joyce ficou com tôda a fortuna. Entretanto, como já lhe disse, tio Albert descobriu qualquer coisa: um processo fotográfico que tinha qualquer relação com as côres. Vendeu a patente, num sistema de percentagem, tornou-se famoso nesse campo e começou a ganhar muito dinheiro.

—Estou certo de que essa Joyce não perdeu a oportunidade—comentou Tibbs.

—Tem razão, mas as coisas não se passaram como o senhor poderá pensar. Parece-me que tio Albert lhe disse que já não estava interessado nela. Como nossa família é francesa, do lado da minha mãe, tio Albert decidiu ir viver na França. Comprou uma casa numa região rural e dedicou-se ainda mais ao trabalho de pesquisa.

Depois de uma breve pausa, Ellen respirou fundo e continuou:

—Sei que êle se tornou muito popular na França. Era um homem muito simpático e cortês, fazendo amigos com facilidade. Essa tal Joyce já tinha perdido as esperanças, pois meu tio, ou pelo menos eu gosto de pensar assim, já nem sequer pensava nela.

Contudo, ela decidiu ir à França visitá-lo. Não sei bem o que se passou, mas a verdade é que ela possuía muito dinheiro e certas idéias para ganhar ainda mais. Teve uma inspiração: formar uma companhia para negociar as patentes do tio Albert. É possível que pensasse que êle poderia ter mais idéias e registrar mais patentes se tivesse mais dinheiro para trabalhar. Assim, assinaram um contrato.

Ellen voltara a enervar-se, talvez por pensar naquela mulher, e parecia prestes a perder o contrôle.

Tibbs nada disse, procurando nada fazer que a distraísse e, finalmente, ela prosseguiu:

—A companhia acabou por ficar com três ou quatro sócios e prosperou muito. Essa gente fêz muito dinheiro com as idéias que o tio Albert desenvolveu. Depois, êle cansou-se e resolveu abandonar as suas pesquisas. Não se separou inteiramente da companhia, mas passou a viver quase permanentemente na França e sòmente vinha aqui uma vez por ano para comparecer à reunião da diretoria. Como êle era a pessoa que tornara tudo possível, suas opiniões e idéias eram sempre muito respeitadas.

—Naturalmente—concordou Tibbs.

Ellen voltou a respirar fundo e, em seguida, bebeu um pouco de chá.—Êste ano, a reunião da diretoria parece ser especialmente importante. Não conheço qualquer pormenor, mas uma das grandes emprêsas da especialidade, ao que me parece, fêz uma oferta para comprar tôdas as patentes. A companhia só tem quatro ou cinco sócios, refiro-me à emprêsa do tio Albert... e êsses sócios... têm de decidir se vão ou não vender.

—E êsses sócios vivem todos aqui, na região?—perguntou Tibbs.

Ellen assentiu:

—Vivem, sim... Joyce e os outros. Não sei ao certo, mas creio que alguns querem vender e os outros não. Tio Albert escreveu-nos para dizer que não queria faltar a esta reunião, embora tenha vindo todos os anos.

—E que opinião tinha seu tio a respeito dessa venda?

Ellen sacudiu a cabeça e respondeu:

—Não sei. Êle apenas nos escreveu para dizer que viria sem falta.

—É muito possível que êle fôsse o único sócio capaz de definir a decisão total, no caso dos outros estarem empatados—sugeriu Tibbs como se estivesse pensando em voz alta.—Nesse caso, poderia ter despertado quaisquer emoções fortes...

—O senhor quer dizer, então, que um dos outros sócios poderia tê-lo assassinado?—perguntou Ellen.

—É uma possibilidade que não podemos desprezar—respondeu Tibbs.



O policial voltou para Pasadena com várias idéias a cruzarem-lhe o espírito. Quando entrou no seu escritório, Bob Nakamura ainda o aguardava.

—Você anda trabalhando como um escravo!—exclamou êle.

Tibbs sentou-se diante da sua mesa e voltou-se para o colega, perguntando:

—Já informou o xerife? Será que tenho de ir fazer um discurso sôbre as minhas artes mágicas de Sherlock Holmes?

Bob sacudiu a cabeça, num gesto negativo:

—Não, eu já lhe expliquei mais ou menos o que está acontecendo. O xerife de São Bernardino está muito contente por você ter descoberto a identidade do morto. Ficaram todos muito impressionados. Além disso, acrescentaram qualquer coisa sôbre terem tido a grande sorte de você estar presente quando êles se encontravam com falta de pessoal...

Tibbs tornou-se pensativo e, durante alguns instantes, nem sequer respondeu ao colega. Depois, com um suspiro, disse:

—Tenho tanto trabalho para fazer...

—Êles sabem disso perfeitamente e o Capitão Lindholm também o sabe. Contudo, oficialmente, você terá de continuar com o caso até ser encerrado. Claro, todo o mundo espera que você resolva tudo muito depressa.

Tibs sacudiu a cabeça e disse:

—Por que razão é que minha mãe criou um filho para ser policial? Por que motivo é que eu não me limitei a ser jogador de futebol num clube secundário?

—Deve ter sido por você não ser suficientemente bom jogador, suspeito...—Bob Nakamura fêz uma pausa e olhou para êle de lado, perguntando:—Tem gostado das suas visitas ao clube de nudistas?

Tibbs soltou uma gargalhada.

—Confesso que tem sido divertido. Pelo menos, é uma coisa diferente. Ajuda a quebrar a monotonia. Os donos são boa gente...

—Viu aquela môça bonita?

Tibbs sorriu e piscou o ôlho a Bob, dizendo:

—Você devia ver aquela Linda! Além disso, também devia tentar sentar-se diante de uma môça, completamente nua, e ouvi-la perguntar se gosta do trabalho da polícia...

—Sim, parece-me que gostaria disso—respondeu Bob, tornando-se sonhador.—É verdade que, quando casei com Amiko, aceitei certas restrições, claro, mas não me tornei cego!

—Vou arranjar-lhe uma proposta de sócio—ofereceu Tibbs muito generosamente.—Êles já têm alguns sócios de origem japonêsa, segundo me disseram.

—Não creio que Amiko esteja disposta a isso, embora eu, pessoalmente, goste bastante da idéia—disse Bob.—Tenho alguns amigos que são nudistas...

Sem lhe responder, Virgil pegou no telefone e discou um número. Depois de alguns segundos, a voz de Linda fêz-se ouvir na linha.

—Boa tarde, Linda—disse Tibbs, acentuando cuidadosamente seu nome.—Aqui fala Virgil.

Sem mostrar a menor hesitação, Bob Nakamura pegou o seu próprio telefone e tocou no botão que lhe daria acesso à mesma linha.

—Olá, Virgil!—disse a môça.—Quando é que nos vem visitar?

—Infelizmente, não o posso fazer hoje. Estou telefonando apenas para lhe dizer que identificamos o homem encontrado na sua piscina.

—E quem era êle? Por favor, diga-me depressa!

—Tenho a certeza de que você nem o conhecia. Era um cientista americano que vivia na França.

—Você tinha razão!—exclamou ela.—Tudo o que você disse era certo.

Só então é que Tibbs notou, com algum desagrado, que Bob decidira escutar a conversa.

—Linda, como é que está o tempo aí?—perguntou êle.

—Uma beleza! Acabo de sair da piscina. Venha visitar-nos e dar um mergulho.

Bob mordeu os lábios e olhou para o teto.

—Muito obrigado por me haver convidado. E, agora, queria pedir-lhe um favor—continuou Tibbs.—Tenho um grande amigo que gostaria de se propor para sócio do clube. Trata-se de um tal Sr. Bob Nakamura. Será que você lhe pode enviar uma proposta para sócio, aos cuidados do Departamento de Polícia de Pasadena?

—Êle é solteiro?—perguntou Linda.

—Não, é casado e tem uma mulher muito simpática. Você vai gostar dela.—Tibbs, impassível, sem sequer olhar para Bob, continuou a falar:—E também tem um filho de seis anos e uma filha de quatro...

—Esplêndido, Virgil. Se são seus amigos, estou certa de que vamos gostar dêles. E aproveitarei para também mandar uma proposta para você.

Reconhecendo imediatamente que caíra numa armadilha, Tibbs despediu-se ràpidamente e desligou.

—Você já foi aceito, pràticamente—disse êle a Bob, falando com uma inocência fingida.

—Você também...

Tibbs sacudiu a cabeça.—Não me parece. Êles não aceitam homens solteiros. Você bem ouviu o que ela disse e além do mais...



Tibbs calou-se a meio da frase. Sentia que a brincadeira já fôra demasiado longe.

Bob escolheu as palavras muito cuidadosamente, dizendo:—A môça convidou-o. Você nem teve de pedir. Além disso, tratou você por Virgil.

—Êles tratam todo o mundo pelo primeiro nome—explicou Tibbs, falando muito depressa.—É um hábito que os nudistas têm.

Durante todo o percurso para Beverly Hills e, depois, para Bel Air, Tibbs sentiu-se muito irritado consigo mesmo. Linda estivera brincando com êle, da mesma maneira como êle brincara com ela. O policial sabia bem que, apesar da sua amizade e de tôda a simpatia que a família de Linda mostrara para com êle, aquêle clube de nudistas estava-lhe fechado em virtude da sua raça. A vizinhança, aparentemente, aceitara o clube sem grandes ressentimentos, mas qual seria sua atitude se êle fôsse freqüentado por negros? Recordava-se perfeitamente daquela família que encontrara durante a sua primeira visita ao clube, que se mostrara tão desagradável ao vê-lo. Quantos sócios pediriam demissão, em protesto, se Tibbs ou outro negro fôsse aceito no clube? Tibbs estava certo de que seriam em grande número.

Dirigindo lentamente, o investigador consultou sua agenda e, em seguida, descreveu uma curva e entrou por um enorme portão que dava acesso à área residencial. A estrada, serpenteando por entre as colinas das montanhas de Santa Mônica, passava em frente das luxuosas mansões da colônia cinematográfica e dos proprietários e diretores das muitas fábricas de material eletrônico da região. Tibbs viu inúmeros jardineiros japonêses que cuidavam eficaz e ativamente dos belos gramados e tão floridos jardins.

A residência da Sr.ª Joyce Bachelor Pratt era um pouco menor do que as outras. Mesmo assim, porém, devia valer cêrca de cem mil dólares. A pequena pista de asfalto que contornava o jardim conduzia a uma grande garagem e a um pequeno parque de estacionamento junto da casa. Tibbs hesitou, durante um momento, não sabendo se deixar o carro na estrada, indo o resto do caminho a pé; depois, decidiu continuar de carro, até ao estacionamento privativo da residência, conforme o teria feito qualquer outro visitante.

Ignorou o letreiro que indicava o caminho para a porta de serviço e tocou a campainha da porta principal. Esta foi aberta por uma empregada de côr. Quando viu Tibbs, sorriu prazenteiramente, perguntando-lhe:

—Sim, senhor. Que deseja?

Tibbs entregou-lhe um dos seus cartões de visita. A empregada olhou para êle, franziu a testa ligeiramente e abriu mais a porta.

—Faça o favor de entrar, senhor—disse ela. Depois de Tibbs entrar, a empregada acrescentou:—Vou ver se a Sr.ª Pratt está em casa...

A empregada desapareceu, levando o cartão de visita, e Tibbs, pouco depois, ouviu vozes na sala contígua, distinguindo nìtidamente as seguintes palavras:—Êste senhor deseja vê-la, *madame*.

Preparara-se para encontrar na Sr.ª Pratt tôdas as características de uma mulher imponente, muito segura de si, uma espécie de "grande dama". Todavia, quando ela apareceu, Tibbs decidiu nunca mais confiar numa conclusão precipitada. A Sr.ª Pratt era uma mulher pequena, com pouco mais de um metro e cinqüenta e também muito magra, não devendo pesar mais do que quarenta e cinco quilos. Já sabia que ela contava cinqüenta anos e não havia dúvida de que os tinha mesmo, apesar das suas evidentes tentativas para deter a marcha do tempo. Sua expressão, em especial devido à forma da bôca e do queixo, sugeria algo de gato. E seu olhar ainda era bastante sedutor, tudo indicando que, na juventude, ela fôra uma môça muito sensual, com aquêle aspecto frágil e gracioso que sempre atrai os homens. Seu cabelo era muito claro e ela usava-o curto, cortado de forma a pôr mais em evidência a delicadeza das suas feições.

Ao ver Tibbs, a Sr.ª Pratt parou abruptamente e o sorriso que trazia na bôca desapareceu no mesmo instante.

—Desejava falar comigo?—perguntou ela, acentuando a última palavra, como se fôsse extraordinário um negro ousar falar-lhe.

—Bom dia, Sr.ª Pratt. Sim, preciso falar com a senhora, oficialmente.

Joyce Pratt franziu a testa e olhou uma vez mais para o cartão de visita, protestando:

—Mas eu não vou a Pasadena há quase dois meses!

A empregada, que ficara esperando alguns passos atrás, observava Tibbs com muita atenção.

—Êste assunto só lhe diz respeito indiretamente, Sr.ª Pratt—disse-lhe o policial—mas é necessário que eu lhe faça algumas perguntas.

A empregada recuou um pouco mais para que Tibbs pudesse entrar na sala, caso a Sr.ª Pratt o convidasse a fazê-lo.

Essa decisão, contudo, levou algum tempo.

—Quer entrar?—perguntou ela, finalmente, num tom que exigia claramente uma resposta negativa.

—Muito obrigado—respondeu Tibbs, não se fazendo de rogado e entrando na sala. Encontrou-se num ambiente extremamente femi-



nino, com tôda a decoração indicando que a sensação provocada não fôra obra do acaso e que ela desejara, sem dúvida, criar essa impressão. Na realidade, a atmosfera artificial com que se deparara deixou Tibbs bem informado sôbre o caráter da Sr.ª Pratt e, também, sôbre a razão pela qual o homem que se encontrava na morgue de São Bernardino a considerara tão atraente. Sua pequena estatura, sua fragilidade e aparente necessidade de proteção haviam sido, e ainda eram, as mercadorias com que a Sr.ª Pratt negociava.

Tibbs parou a meio da sala e esperou que a Sr.ª Pratt o seguisse, o que ela fêz muito relutantemente. Quando, por fim, ela se sentou numa cadeira, com um cuidado muito estudado, o policial foi instalar-se numa confortável poltrona que se encontrava a um canto, suficientemente perto dela, para poder conversar sem dificuldade, mas também suficientemente longe para evitar qualquer familiaridade.

—Sr.ª Pratt—começou êle—fui informado de que a senhora era muito amiga do Dr. Albert Roussel e que, além disso, ainda é uma das principais acionistas da emprêsa que comercializa as patentes do Dr. Roussel.

Ao responder-lhe, sua voz nada tinha de feminilidade; o seu tom era tão frio e duro quanto a ponta de um diamante:

—Não desejo falar do Dr. Roussel. Se o senhor quer saber alguma coisa sôbre êle, só posso sugerir que fale pessoalmente com êle, mas duvido que o Dr. Roussel o receba. Deseja mais alguma coisa?

Tibbs não lhe respondeu durante alguns segundos, desejando fazer-lhe compreender que não estava disposto a ser pôsto de lado com tanta facilidade.

—Sr.ª Pratt—disse êle, falando com grande calma—não tenho o menor prazer em vir trazer-lhe notícias desagradáveis, mas creio ter de fazê-lo.

A Sr.ª Pratt olhou para êle com certa inquietação, exclamando num tom de voz muito duro e abrupto, como se considerasse fora de qualquer propósito um negro trazer-lhe uma notícia, fôsse ela qual fôsse:

—Que quer dizer com isso?

—Sr.ª Pratt—falou Tibbs, muito pausada e lentamente—lamento imensamente ter de informá-la de que, há alguns dias, encontramos o cadáver de um homem cuja descrição se adapta perfeitamente ao Dr. Roussel. Estamos quase certos de que se trata do Dr. Roussel, embora ainda não tenhamos qualquer identificação formal.

—O senhor *não* se está a referir ao homem encontrado no clube de nudistas, pois não?!

A Sr.ª Pratt quase gritara aquelas palavras, tendo apontado com

óbvio desagrado para o jornal da manhã, que se encontrava sôbre a mesa.

—Sim, referia-me a êsse homem.

—Mas isso é um ultraje!

Tibbs assentiu com a cabeça e concordou, dizendo:

—Os crimes de morte sempre o são...

Foram interrompidos, então, pela empregada, que apareceu trazendo consigo uma bandeja e, sôbre esta, um muito delicado e aristocrático serviço de chá japonês. A empregada, que entrara muito silenciosamente, sem que a Sr.ª Pratt a visse, foi até junto desta e parou, esperando ordens.

Joyce Pratt olhou para ela, mostrando-se muito surpreendida e perguntando:

—Para que trouxe isso?

—A senhora deu-me ordens para que sempre preparasse chá para os convidados...—respondeu a empregada.

—Mas êste homem não é um convidado.

A empregada deu meia volta, afastando-se e saindo da sala sem olhar para Tibbs.

O investigador tirou do bôlso a agenda e começou a falar num tom mais formal:

—Sr.ª Pratt, quantos acionistas tem a sua emprêsa, incluindo o morto?

—Será necessário que eu discuta isso com o senhor?

Tibbs já estava irritado, quase tendo perdido a paciência. Joyce Pratt estava muito enganada se pensava que êle viera ali para perder tempo e ser insultado. Tibbs manteve o mesmo tom de voz, mas falou com um pouco mais de rispidez, de uma forma que não podia passar despercebida:

—Não, não é necessário. Se prefere, posso prendê-la como testemunha e levá-la para a delegacia. Depois, poderá discutir o assunto com o seu advogado e com o promotor público.

Tibbs, ao falar assim, estava contando que ela não conhecesse os processos legais e as leis jurídicas.

O policial viu imediatamente que vencera, notando que ela estremecera e que se mostrava inclinada a cooperar.

—Cinco acionistas—disse ela, falando em voz baixa—incluindo Albert.

—Creio que foi a senhora quem organizou a emprêsa. Estarei certo?

—Bem.. mais ou menos. Tenho muitos amigos ricos, naturalmente, e como eu pensava tratar-se de um bom negócio, falei com alguns dêles sôbre o assunto. Êsses amigos estudaram o negócio e, concordando comigo, não hesitaram em comprar ações.



—E o empreendimento foi lucrativo?

A Sr.ª Pratt respondeu com um gesto do braço, mostrando-lhe o luxo que a rodeava.

—A senhora é quem dirige a emprêsa?

—Não. A gerência foi entregue a Walter McCormack, visto ter êle muito mais experiência de negócios e, claro, ser muito mais velho do que eu. O senhor... deseja... tomar chá comigo?

—Não, muito obrigado. E os outros?—perguntou Tibbs, depois de anotar na sua agenda tudo o que ela dissera.

—William Holt-Rymers.—Tibbs notou que ela dissera êste nome com um certo desdém.—O outro acionista é Oswald Peterson.

Tibbs olhou para ela e perguntou:—O jogador de futebol?

—O senhor o conhece?

—Só de nome. Trata-se de um dos nossos melhores jogadores profissionais, não é verdade?

—Já não é, agora. Foi um grande jogador, em tempos, mas decaiu muito.

Tibbs fêz-lhe muitas outras perguntas, cujas respostas lhe revelaram que a emprêsa, embora pequena, constituíra um investimento de primeira ordem.

—E que me diz a senhora sôbre o interêsse do próprio Dr. Roussel no empreendimento?—perguntou o policial, finalmente.—Saberá dizer-me se a família dêle se encontrava no estrangeiro?

Joyce Pratt sacudiu a cabeça, respondendo:

—Não, Albert nunca chegou a casar. Creio que era muito tímido com a maioria das mulheres... embora jamais o fôsse comigo. Albert era um homem encantador e também muito delicado. Claro, houve muitas mulheres que se interessaram por êle e, sem dúvida, teria sido um bom partido para qualquer uma delas. Mas a verdade é que sempre foi, de certo modo, muito reservado...

Tibbs gostaria muito de saber até que ponto a Sr.ª Pratt estava refletindo seu próprio pensamento.

—E que me diz sôbre as ações do Dr. Roussel?

—Sim, é verdade, as ações! Bem, segundo nosso acôrdo ninguém podia vender suas ações sem antes as oferecer a um dos outros. Naturalmente, isso não se referia a heranças.

—A senhora saberá, por acaso, quem é o herdeiro do Dr. Roussel?

Joyce Pratt olhou para Tibbs com uma expressão um tanto preocupada, respondendo:

—Seus parentes mais próximos eram a irmã, o marido desta, creio, e uma sobrinha.—Joyce ajeitou a saia, que subira um pouco, como se quisesse sugerir uma modéstia que as suas palavras seguintes logo vieram contradizer:—O mais provável é que o senhor venha a saber disto e, assim, é melhor que eu lho diga já. Albert

ficou terrìvelmente decepcionado e ferido quando eu me casei com outro homem. Todo o mundo o sabia. Foi por isso que nunca se casou... segundo êle próprio me disse. E, naturalmente, eu fui a pessoa que financiou e tornou possível o seu sucesso.

—O que está dizendo, Sr.ª Pratt, é que, na sua opinião, o Dr. Roussel lhe deixou boa parte das suas ações em herança, não é?

—Não tenho a menor dúvida de que assim foi e também estou certa de que a irmã dêle o sabe. Para falar muito francamente, êle sempre se interessou por mim e, além disso, como eu já lhe disse, Albert devia o seu sucesso à minha idéia de explorar as suas patentes.

—E êsse interêsse do Dr. Roussel pela senhora durou... êstes anos todos?

Joyce Pratt olhou para êle e encarou-o com grande confiança. Quando falou, sua voz parecia muito calma e controlada.

—Posso garantir-lhe que estou completamente certa disso—respondeu ela.—Na verdade, já tínhamos planejado tudo. A combinação era que iríamos para a França juntos, depois da visita habitual a sua irmã e logo que terminasse a reunião da nossa diretoria. Em seguida, casaríamos na França, exatamente dentro de dois meses.

## Capítulo Nono

NA MANHÃ seguinte, Ellen Boardman escolheu um vestido branco, muito simples, que o tio Albert sempre admirara, para se ir desempenhar do desagradável dever que lhe competia. Como o dia estava muito quente e o sol brilhava com grande intensidade, Ellen decidiu usar um chapéu. Ao acabar de pentear-se e de colocar o chapéu, diante de um espelho, tentou habituar-se à idéia de que ia sair na companhia de um negro.

Se alguém lho tivesse perguntado, Ellen Boardman teria garantido que não possuía qualquer preconceito racial e teria pensado que fôra sincera ao dizê-lo. Contudo, até ao momento em que Virgil Tibbs entrara no hotel, ela jamais tivera um contato real com gente de côr. Falara muitas vêzes com empregados negros, mas fizera-o sempre numa base diferente, sempre de patrão para empregado e nunca ao mesmo nível. Sabia bem, naturalmente, que não ia com Tibbs a uma reunião social ou a um local público para distração, longe disso, mas seria a primeira vez que saía do hotel



na companhia de um homem que não era da sua própria côr. Ellen voltou a olhar para o espelho e retocou o seu batom.

Quando Virgil Tibbs chegou, exatamente na hora combinada, Ellen recebeu-o à porta. Tibbs olhou para ela com evidente admiração, mas sem qualquer indício de familiaridade. Depois, cumprimentou-a, um pouco formalmente, pensou ela, dizendo:

—Bom dia, Sr.ta Boardman. Estou muito contente por têrmos um dia tão bonito.

—Eu também—respondeu ela.

Tibbs ajudou-a a entrar no carro. Durante um momento, pensara que o policial lhe iria abrir a porta traseira, mas isso não sucedera. Quando êle se sentou diante do volante e pôs o motor em andamento, Ellen Boardman, a seu lado, tentou avaliá-lo uma vez mais. Não havia dúvida de que era muito esbelto e elegante; seu terno era de bom corte e fôra comprado numa boa loja. Embora já tivesse vindo de longe, tendo dirigido mais de uma hora naquele calor, sua camisa branca estava fresca e imaculada. A môça estudou o perfil de Virgil e admitiu que tinha as feições muito perfeitas.

Tibbs olhou para ela e, enganando-se sôbre os seus pensamentos, disse-lhe:

—Sr.ta Boardman, já sei o que deve estar sentindo quanto ao desagradável dever que a espera. Peço-lhe que se esqueça daquilo que vai ter de enfrentar. O que aconteceu já não tem remédio... nada há a fazer e a vida tem de continuar. Se pensar assim, Sr.ta Boardman, talvez possa sentir-se melhor.

E, de fato, Ellen sentiu-se mais reconfortada, retorquindo:

—O senhor foi muito gentil em se oferecer para me acompanhar...

—O prazer é todo meu—respondeu Virgil, descrevendo uma curva apertada e logo engrenando o carro em terceira, para enfrentar uma das muitas e perigosas descidas que conduziam daquelas colinas à planície, para a qual estavam se dirigindo.

A beleza e a calma daquele dia de sol haviam criado uma sensação quase mágica que levara Ellen a reencontrar a paz de espírito que lhe era habitual. Quando alcançaram o final da primeira grande descida, a môça indicou uma plataforma, uma espécie de miradouro natural, que oferecia uma espetacular vista panorâmica do vale.

—É a minha paisagem preferida—disse ela.—Nunca passo por aqui sem parar alguns minutos.

Em resposta, Tibbs saiu da estrada e foi parar na curva que ela mostrara.

—Desculpe—disse Ellen.—Eu não disse isso para que o senhor parasse, agora, mas talvez lho peça quando regressarmos.

Virgil assentiu.—Como quiser—disse êle, voltando a pôr o carro em andamento e entrando de nôvo na pista.

Meia hora depois, já na cidade, Tibbs foi deter-se diante da morgue. Ajudou Ellen a descer do carro e acompanhou-a em silêncio, entrando com ela no edifício. Embora o pessoal da morgue fôsse muito gentil para com ela, Ellen sentiu-se muito grata pela presença de Tibbs quando, pouco depois, foi conduzida à sala onde teria de efetuar a identificação. A môça olhou para o rosto imóvel da morte, durante um momento, fechou os olhos amargamente, perturbada, e assentiu com um gesto breve da cabeça.

Em seguida, muito ràpidamente, Ellen foi conduzida para outra sala e recebeu das mãos de um funcionário uma declaração que lhe permitiria requerer o corpo do tio para realizar o entêrro. Tratava-se de um crime, o que complicava a situação legal. Era necessário tomar várias outras medidas. Depois de terminadas as formalidades, Ellen pediu autorização para telefonar e fêz os arranjos necessários com uma emprêsa funerária que conhecia. Isso feito, telefonou para a igreja da sua paróquia e encomendou o serviço religioso. Depois, voltou-se para Tibbs e disse:

—Já podemos ir embora? Gostaria de falar com o senhor a sós durante alguns minutos, se fôsse possível.

—Naturalmente—respondeu Tibbs, levando-a até ao carro. Instantes depois, encontravam-se de nôvo a caminho das montanhas.

—Sr. Tibbs—disse ela, quando já se encontravam quase a meio caminho.—Gostaria que me contasse a verdade. Tenho estado preocupada, tentando entender o fato de meu tio ter sido encontrado na piscina daquele... lugar tão desagradável.

—Não sei qual foi a razão—respondeu Tibbs, falando muito sinceramente.

—Acha que o meu tio era sócio dêsse clube?

—Não, não era. Tenho a certeza de que não era.

—Não sei que tipo de gente pode organizar e dirigir um clube dêsse gênero—disse ela num tom ligeiramente amargo.—Essa gente deve ter qualquer coisa de bàsicamente errado.

—Sem ter a menor intenção de defender os nudistas em geral —respondeu Virgil—eu diria que a família que dirige êsse clube é consideràvelmente melhor do que a maioria das pessoas. Confesso que tenho razões para dizer isto, já que êles ignoraram a minha côr.

Ellen ficou muito admirada por ouvi-lo falar tão francamente do fato de ser um homem de côr.



—Quer que eu lhe diga mais alguma coisa?—perguntou Tibbs.

—Por favor. Gostaria muito...

—Devo dizer-lhe que, quando descobriram seu tio, fizeram imediatamente tudo o que era possível para tentar reanimá-lo. Isso incluiu respiração artificial, do tipo bôca com bôca, o que não deve ter sido agradável... naquelas circunstâncias. Estou certo de que, se seu tio ainda tivesse uma centelha de vida em si, êles teriam podido salvá-lo. No há dúvida de que o tentaram.

—Eu não sabia disso—disse Ellen.

—Têm um filho, George, que recebeu treinamento especial. Foi êle quem mergulhou na piscina e tirou seu tio para fora dela, fazendo exatamente o que devia até o médico chegar. Êle estava certo de que não havia qualquer esperança, mas isso não o impediu de continuar a respiração artificial até o médico declarar que era inútil.

—Vou escrever-lhes para agradecer—comentou Ellen.

Depois de alguns minutos em silêncio, Tibbs saiu da estrada e foi parar diante de um atraente restaurante *drive-in,* perguntando:

—Quer um cafèzinho, ou outra coisa qualquer? Isto tudo não tem sido muito agradável, para você. Permita-me que lhe vá buscar qualquer coisa para beber ou comer.

Ellen compreendeu logo que êle estava tentando distraí-la, para lhe melhorar o estado de espírito. Compreendera também que êle escolhera um restaurante daquele tipo, que lhe permitiria ficar dentro do carro, para que ela não fôsse obrigada a aceitar a sua companhia em público.

—Não poderemos ir lá para dentro?—perguntou ela.

Ellen sentia-se orgulhosa por ter tomado aquela decisão. Quisera mostrar-lhe que não tinha qualquer preconceito racial e, enquanto bebia o refrêsco que escolhera e que êle pagara, retribuiu com a maior das calmas os ofensivos olhares de alguns rapazes que se encontravam sentados a uma mesa.

Êsses rapazes começaram a falar e a apontar para Ellen e Tibbs, tentando provocar, evidentemente, qualquer incidente desagradável. Tibbs encolheu os ombros, como se aquilo não o preocupasse e, depois, pediu desculpa e levantou-se, dizendo que tinha de ir telefonar. Ellen aguardou-o, muito serena, continuando a mostrar-se indiferente ante as frases insolentes dos rapazes.

Tibbs regressou poucos minutos mais tarde e, logo em seguida, saíram do restaurante. Ellen respirou fundo e, inesperadamente, perguntou:

—Posso pedir-lhe um grande favor? Trata-se, na verdade, de um perfeito absurdo...

—Claro, Sr.ta Boardman. Em que poderei ser-lhe útil?

—A que distância estamos dêsse clube de nudistas?

Tibbs, em resposta, abriu a porta do carro e ajudou-a a entrar. Não lhe respondeu de um modo específico, mas pôs o carro em andamento e tomou a direção do Sun Valley Lodge. Passaram-se alguns instantes, enquanto atravessavam a cidade, sem que Ellen encontrasse que dizer. Já fora do centro, a môça fêz nova pergunta:

—O senhor já terá alguma pista? Alguma idéia sôbre quem foi o assassino do meu tio?

—Sim, tenho uma pista, mas receio não poder discuti-la consigo —respondeu Virgil, acrescentando:—Estou certo de que compreenderá. Trata-se de uma questão de sigilo profissional.

—Sim, claro que compreendo—retorquiu Ellen.—Reconheço que já abusei muito, pedindo-lhe para me levar a ver essa gente.

—Não, não foi abuso. De resto, o clube encontra-se mais ou menos no nosso caminho.

—Talvez fôsse melhor parar em algum lugar para lhes telefonar, dizendo que vamos visitá-los.—De súbito, mal acabara de falar, Ellen foi invadida por um terrível pensamento, exclamando:—Não terei de...—sentiu-se incapaz de dizer as palavras que tinha no espírito. A idéia de se despir, provàvelmente diante de inúmeros homens, era completamente fantástica para o seu espírito burguês.—Não, não poderia!—acrescentou ela, sabendo que Tibbs compreenderia.

—Êles não esperam que você o faça—respondeu o detetive, tranqüilizando-a.—De outra forma, eu não poderia tomar a responsabilidade de a levar a êsse clube. Vai ver que são todos muito simpáticos. Tenho a certeza de que vai gostar dêles.

—Confesso que já sinto uma certa simpatia pela família, em virtude da maneira como tentaram salvar tio Albert, embora não o pudessem fazer. Mas não seria melhor telefonar-lhes para os avisar da nossa chegada?

—Confesso-lhe que já o fiz. Telefonei-lhes do restaurante.

—Oh!—Ellen recordou-se, então, de que êle fôra telefonar, mas isso, claro, fôra *antes* dela lhe pedir para a levar ao clube. A môça decidiu, nesse instante, que êle era verdadeiramente um detetive e que deveria ser um pouco mais retraída quando estivesse na sua presença. Pouco depois, Ellen sentiu o carro diminuir a velocidade e não tardou a ver o letreiro do clube que fôra reproduzido nos jornais em relação com o crime.

Virgil Tibbs não se deteve no portão e continuou até ao parque de estacionamento. Antes de sair do carro, tendo-se lembrado da sua própria experiência com Linda, da última vez que a vira, o investigador disse a Ellen:



—Não se esqueça de que esta gente, provàvelmente, não estará vestida.

Aquêle "provàvelmente" significava, seguramente, num dia tão bonito como aquêle, uma certeza absoluta.

—Estou preparada para tudo—respondeu Ellen.

Tibbs olhou atentamente para o rosto da môça e decidiu que ela não se perturbaria demasiado.

Estivera observando Ellen tão intensamente que nem notara a chegada de Linda, que acabara de atravessar o gramado e lhe viera falar quase no seu ouvido, dizendo:

—Olá, Virgil!

Muito admirado por aquela voz que tão inesperadamente lhe falava ao ouvido, Tibbs voltou-se muito depressa e, pela primeira vez na sua vida, sentiu-se chocado ao descobrir que estava olhando para uma jovem totalmente vestida.

Linda tinha escolhido um vestido amarelo que lhe realçava a beleza e a harmonia do corpo. Penteara-se com grande cuidado e, o que não lhe era habitual, maquilara-se um pouco, com resultados compensadores. Suas sandálias, muito simples, eram a única concessão que ela fizera à informalidade.

Tibbs recompôs-se ràpidamente da sua surprêsa e apresentou Ellen.

—Muito prazer—disse Linda, falando com grande simplicidade. —Façam o favor de entrar. Já estávamos à sua espera. Virgil telefonou antes.

Ellen desceu do carro e pensou que, até àquele instante, o único choque que sofrera fôra ouvir Linda tratar o detetive pelo seu primeiro nome. Quando já iam a caminho de casa, Forrest Nunn veio ao seu encontro. O pai de Linda também se vestira, tendo envergado uma camisa esporte e calças compridas para acolher os recém-chegados. Por sua vez, em honra daquela ocasião, George decidira vestir-se muito formalmente, incluindo gravata, e assumira o aspecto de um perfeito jovem da sociedade.

Tibbs observou com interêsse os Nunn fazerem todo o possível para que Ellen se sentisse à vontade e bem-vinda, com o resultado de que, cinco minutos depois, Ellen estava sentada, muito calma e satisfeita, com o copo de chá gelado numa das mãos, uma fatia de bôlso caseiro na outra; Ellen, muito descontraída e parecendo aceitar o fato de que se encontrava entre amigos, não tardou a falar-lhes do tio. A conversa prolongou-se e, meia hora mais tarde, George pediu a Tibbs que o acompanhasse até ao jardim.

—Virgil—perguntou-lhe êle quando se encontraram a sós—que vai acontecer, logo mais, quando se fôr embora com a Sr.ta Boardman?

Embora aquela pergunta o tivesse divertido muitíssimo, Virgil manteve-se sério e respondeu:

—Levarei a Sr.ta Boardman para casa. Depois, terei de voltar a Pasadena e ao trabalho.

—Você tem uma porção de quilômetros pela frente—sugeriu George.

—Estou habituado.

—Ellen, pelo que me parece—disse George, pensativo—é uma garôta muito simpática.

Virgil assentiu lentamente, dizendo:—Sim, concordo.

—Você está interessado nela... pessoalmente?

Tibbs apreciou aquela pergunta, a qual revelava o bom caráter do jovem, respondendo-lhe:

—Não, definitivamente não. Por várias razões e, em especial, por ela estar relacionada com um caso que estou investigando.

Os dois homens compreenderam-se perfeitamente um ao outro. Além disso, ambos sabiam que aquelas breves palavras haviam iniciado uma firme amizade entre êles.

—Então, que diria você se eu me oferecesse para levar Ellen à casa? Supondo, claro, que ela esteja de acôrdo.

—Por que não lho pergunta você?

Virgil Tibbs decidira fazer aquela pergunta, para mostrar sua consideração para com o rapaz. Tècnicamente, Ellen Boardman encontrava-se sob sua responsabilidade e, por outro lado, George ainda não podia ser totalmente afastado como um dos suspeitos do crime, embora tivesse sido êle quem dera o alarme e empregara a respiração artificial. Oficialmente, era um homem capaz de cometer um crime, e se encontrava no local em que o cadáver fôra descoberto. Todavia, Tibbs estava certo de que Ellen não correria o perigo de ser atacada por êle e, assim, decidiu permitir que George procedesse conforme indicara.

Alguns minutos depois, George foi falar com Ellen e esta revelou sua própria inteligência ao olhar ràpidamente para Tibbs, como se lhe pedisse conselho.

—Se a idéia lhe agrada, Sr.ta Boardman—disse Virgil—pode ir com êle. Isso dar-me-á a possibilidade de voltar para o meu escritório e resolver alguns assuntos urgentes. Mas pode estar certa de que, se quiser continuar a nossa conversa, eu terei o maior prazer em acompanhá-la.

—O senhor já foi extremamente amável—disse ela.—Não se preocupe, pode ir-se embora. Acredite que lhe estou muito agradecida por... tudo.

Tibbs levantou-se e Linda ofereceu-se para ir com êle até o parque de estacionamento.



—Gosto muito de Ellen—disse Linda, enquanto atravessavam o gramado.—E parece-me que George também gosta...

—Eu diria que isso é óbvio—respondeu Virgil.

—E você, Virgil? Você tem uma garôta?

—Tenho muitas amigas, claro. Mas nenhuma namorada a sério, pelo menos por enquanto.

—Depois de tudo isto acabar, quando você tiver descoberto o criminoso, promete voltar para nos visitar? Já sabe que gostamos muito de você.

Tibbs parou junto ao seu carro e levou um certo tempo a responder. Sentou-se ao volante e, finalmente, decidiu-se a falar:

—Sim, gostaria muito de visitá-los outra vez. Simpatizo com sua família e êste clube é muito agradável. Mas, como deve compreender, existem certos obstáculos. Em primeiro lugar, não sou nudista e, desculpe-me dizê-lo, não tenho quaisquer planos imediatos para vir a sê-lo.—Tibbs fêz uma ligeira pausa e, em seguida, prosseguiu:—Além disso, Linda, deve ter sempre presente que representamos setores diferentes da humanidade.

A môça pousou as mãos no carro e meteu a cabeça pela janela.—Você já sabe o que nós sentimos a êsse respeito—disse ela.

—Sim, sei e estou muito agradecido por sua atitude. Estive no Sul há algumas semanas, investigando um caso, e garanto-lhe que as coisas correram de uma maneira muito diferente.

—E essa coisa de representar um setor diferente da humanidade afeta o seu trabalho?

—Sim, existem certas dificuldades, mas não com os meus colegas. Tem havido muito progresso nestes últimos anos. Você já foi insultada por alguém, só por ser nudista?

—Sim, durante algum tempo, na escola. Agora, já não sucede muito. As pessoas estão evoluindo, tornando-se mais civilizadas.

—Sim, concordo. Você tem razão.

—Vamos ter um baile, aqui, dentro de pouco tempo—disse Linda.—Será um baile formal... com roupas, está claro. Teríamos todos grande prazer se você viesse.

—É possível—respondeu Tibbs.—Mas só com a condição de eu trazer uma companheira. Você compreende, não é verdade?

—Sim, Virgil, entendo perfeitamente. Se vier, promete convidar-me para dançar?

—Se isso é costume aqui, Linda, sim, terei o maior prazer em fazê-lo. Em certos lugares, não o faria, por isso ser...

Virgil Tibbs calou-se como se não encontrasse a palavra certa.

—Prematuro?—sugeriu Linda.

—Isso mesmo, muito obrigado. Da mesma forma como você não iria sem roupas para as ruas de São Bernardino. Ou iria?

—Certamente que não!

—Contudo, ainda veremos o dia em que será muito natural c
todo o mundo se dispa completamente nas praias.

—Tenho a certeza de que assim será—concordou Linda—r
compreendi muito bem a sua comparação. Vou fazer uma com
nação consigo. Proponho-lhe que nos encontremos no vigési
quarto ou vigésimo quinto aniversário do dia em que você c
cobrir o assassino. As coisas, então, já deverão estar bem diferen

—Claro que estarão. Você, por exemplo, já estará casada.
também, por certo.

—Bem... tenho esperanças disso! Adeus, Virgil.

—Adeus, Linda.

Virgil Tibbs pôs o carro em marcha e, pouco depois, já se enc
trava na pista asfaltada, de regresso ao escritório.

## Capítulo Décimo

O TELEFONE DE Walter McC
mack, o milionário que dirigia os negócios da emprêsa Paten
Roussel Inc., não se encontrava registrado na lista e, assim, Tib
levou algum tempo a encontrar o número. Quando, finalmen
conseguiu obter a ligação, a pessoa que respondeu não foi mui
cooperadora.

—O Sr. McCormack não o poderá receber—foi a resposta q
Tibbs teve.

—É possível que eu não tenha explicado bem—respondeu Virg
muito pacientemente.—Estou falando em caráter oficial, com
detetive da polícia. Estou investigando um caso muito sério, r
qual o Sr. McCormack se encontra indiretamente envolvido.
essencial que eu o veja com a maior urgência.

Se suas palavras tiveram qualquer efeito, os resultados não fora
aparentes, visto que a pessoa que atendera a chamada continuo
mantendo o mesmo tom de voz:

—O Sr. McCormack não se encontra disponível. Se existem quai
quer problemas legais, sugiro que telefone ao seu advogado, o S
Michael Wolfram.

Depois, a ligação foi cortada.

Já muito irritado, Tibbs voltou a consultar a lista e telefono
para o escritório do advogado. Jamais lhe sucedera aquilo: nã
era habitual que uma pessoa, especialmente em situação de pode
ser considerada suspeita, se recusasse a receber um investigador d